

MAGIA

TEORIA E PRÁTICA



Laciene França
Organizadora



MAGIA

Teoria e Prática



© Laciene França, 2026.

Editor-chefe: Mical de Melo Marcelino.

Editor da Coleção Ciências da Religião: Anderson Pereira Portuguese.

Arte da capa: Laciene Karoline Santos de França. Base: Imagens geradas por IA. Canva, 2025.

Diagramação: Equipe Barlavento de diagramação e ilustração.

Conselho Editorial – Coleção Ciências da Religião:

Todas as obras da Editora Barlavento são submetidas a pelo menos dois avaliadores do Conselho Editorial.

Pareceristas brasileiros Dr.

Rosselvelt José Santos Dr.

Ricardo Lanzarini Dr. Carlos

Alberto Póvoa Profa. Alessandro

Gomes Enoque Prof. Dr. Moisés

Abdon Coppe

Pareceristas internacionais Dr. José

Carpio Martin - Espanha Dr. Ernesto

Jorge Macaringue - Marrocos Msc.

Diamiry Cabrera Nazco - Cuba Dra.

Sucel Noemi Alejandre Jimenez -

Cuba Msc. Mohamed Moudjabatou

Moussa - Benin

Data de publicação: 21 de julho de 2026

Todos os direitos desta edição foram reservados aos autores, organizadores e editores. É expressamente proibida a reprodução desta obra para qualquer fim e por qualquer meio sem a devida autorização da Editora Barlavento. Fica permitida a livre distribuição da publicação, bem como sua utilização como fonte de pesquisa, desde que respeitadas as normas da ABNT para citações e referências.

Editora Barlavento CNPJ: 19.614.993.0001-10

Prefixo editorial: 87563/ Departamento editorial da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Àse Babá Olorigbin.

Rua das Orquídeas, 399, Residencial Cidade Jardim, CEP 38.307-854,
Ituiutaba, MG.

barlavento.editora@gmail.com

Telefone (34) 99689-3822



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Magia [livro eletrônico] : teoria e prática /
Laciene França, organizadora. --
Ituiutaba, MG : Editora Barlavento, 2026.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-87563-71-8

1. Alquimia 2. Astrologia 3. Hermetismo
4. Magia - Esoterismo I. França, Laciene.

26-378079.0

CDD-133.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Magia : Ocultismo 133.4

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

DOI: 10.54400/978-65-87563-71-8

Autores

Bahirah Abdalla

Bahirah Abdala é membro conselheira do Colégio dos Magos e Sacerdotisas, onde atua como estudiosa e praticante das Ciências Ocultas. Sua trajetória espiritual é marcada pela dedicação à vidência, ao Tarô e os rituais wiccanianos e à consagração de talismãs, integrados a uma profunda vivência do Sagrado Feminino. Desenvolve seu trabalho a partir de uma abordagem simbólica, intuitiva e ritualística, orientada pela harmonização entre natureza, ciclos lunares e consciência espiritual. Reconhecida por sua sensibilidade oracular e rigor iniciático, Bahirah atua na formação espiritual, na condução de ritos e no aconselhamento espiritual, promovendo o autoconhecimento e a reconexão com o conhecimento ancestral.

Geraldo Seabra

Mago, jornalista, astrólogo, alquimista, tarólogo e fundador do Colégio dos Magos de Brasília, Geraldo Seabra desvenda os véus do conhecimento oculto, revelando que a Magia não é apenas feitiços e encantamentos, mas sim uma maneira de enxergar e interagir com a realidade de forma consciente e transformadora.

Giovanni Seabra

Grão Mestre do Colégio dos Magos e Sacerdotisas, é Doutor em Geografia, professor universitário, estudioso e praticante das Ciências Ocultas há mais de 40 anos. Guardião de saberes ancestrais e condutor de caminhos iniciáticos, Giovanni Seabra desenvolveu os estudos aplicados da Magia, Quiromancia, Tarot, Numerologia e I Ching, entre outras artes esotéricas. Realiza consultas, cursos e mentorias voltadas ao autoconhecimento, à formação de novos Iniciados que desejam ingressar no mundo esotérico, e à lapidação de profissionais que buscam mais confiança e profundidade nos seus conhecimentos. Para aqueles que buscam respostas e orientação através dos

oráculos, suas leituras iluminam caminhos e despertam consciências.

Hamed Aawar

Engenheiro Florestal, Analista de Sistemas e Especialista em Sensoriamento Remoto, trilha há mais de 40 anos os caminhos da Astrologia. Astrólogo com ênfase na interpretação de Mapas Astrológicos e Revoluções Solares (Retornos Solares), dedica-se a revelar ao consultante as potências do seu ser, oferecendo clareza, propósito e autoconhecimento para direcionar sua jornada de vida. Adepto da Astrologia Racional, inspirada nos ensinamentos de Morin de Villefranche, Hamed conduz o estudo dos astros com profundidade, método e sabedoria ancestral.

Hussein Sabra el-Awar

Hussein Sabra el-Awar é sacerdote e membro conselheiro do Colégio dos Magos e Sacerdotisas, dedicando-se ao estudo e à prática das Ciências Ocultas. Seu percurso espiritual articula oráculos tradicionais, esoterismo cristão e os dogmas e rituais da Alta Magia, integrando simbologia, liturgia e disciplina iniciática. Reconhecido pela abordagem hermenêutica e ritualística, atua na orientação espiritual, na condução de trabalhos cerimoniais e na transmissão de saberes esotéricos. Sua atuação enfatiza a ética iniciática, o aprofundamento doutrinário e a vivência do sagrado como via de transformação interior.

Lacienne França

Lacienne França é secretária-geral e conselheira do Colégio dos Magos e Sacerdotisas, atuando na organização institucional e na orientação iniciática. Seu conhecimento aplicado abrange os dogmas e rituais das Ciências Ocultas, o Sagrado Feminino, a tradição religiosa africana, a magia planetária e o Tarot. Desenvolve uma prática espiritual que integra ancestralidade, simbolismo cósmico e disciplina ritual, valorizando os ciclos da natureza e a ética do sagrado. Reconhecida por sua sensibilidade oracular e firmeza ritualística, dedica-se à formação espiritual, à condução de ritos e ao aconselhamento simbólico, promovendo equilíbrio, autoconhecimento e

integração entre tradição e consciência contemporânea.

Marco Mammoli

Pós-graduado em Biotecnologia, professor universitário de fisiologia e anatomia humanas aposentado, terapeuta floral, Reikiano nível III, fitoterapeuta, e estudioso do ocultismo, alquimia e geoalquimia há mais de 30 anos. É Mestre Conselheiro do Colégio dos Magos e Sacerdotisas, pesquisador convidado em Biossensores e Fisiologia Espacial – Projeto Geração Marte, com formação em Astronomia e Planetologia. Também é escritor e palestrante, reconhecido por unir ciência e espiritualidade em uma visão profunda sobre a energia e a matéria. Como Alquimista e Mentor, realiza cursos e mentorias de autoconhecimento, voltados tanto para iniciantes que desejam ingressar no mundo esotérico, quanto para buscadores que procuram respostas e orientações nos conhecimentos mágicos.



Apresentação

Este livro nasce à Luz da Magia: em movimento suave e silencioso, envolto no véu dos mistérios da criação. Cada texto aqui reunido é um degrau para alcançar o Portal. Alguns percorrem os caminhos antigos, outros desbravam novas fronteiras trazendo à luz os mistérios que jaziam nas profundezas do hermetismo; e há aqueles que apenas lembram o que a alma sempre soube, mas que temem reconhecer.

Você tem agora entre as mãos um pequeno grimório — não porque revele segredos proibidos, mas porque reúne olhares, experiências e estudos que atravessam séculos. Magia, alquimia, astrologia, quiromancia, numerologia, hermetismo, símbolos, mitos e luzes espirituais: tudo isso está aqui, trançado com simplicidade para alcançar quem busca compreender mais do que apenas as obviedades da existência humana.

Este livro não ensina respostas prontas.

Ele acende perguntas.

E perguntas são tochas.

Cada texto foi escrito por mãos diferentes, mas guiado pela mesma vontade: compartilhar conhecimento, provocar reflexão e aproximar você — leitor — das forças invisíveis que moldam o mundo, o tempo e a própria vida.

Então, respire fundo. Esqueça o barulho lá fora. Vire a próxima página como quem abre uma porta antiga.

Seja bem-vindo ao início da jornada. Que este grimório desperte seus sentidos, fortaleça sua intuição e lembre você do poder que sempre caminhou ao seu lado — mesmo quando você não percebia.

O Colégio dos Magos e Sacerdotisas nasce como um espaço vivo de estudo, partilha e aprofundamento das Ciências Herméticas, reunindo buscadores, estudiosos e praticantes comprometidos com o

conhecimento, a ética e o despertar da consciência. Sua atuação se constrói no diálogo entre tradição e contemporaneidade, honrando os saberes ancestrais enquanto lança luz sobre novas formas de compreender o sagrado, o simbólico e o invisível.

Este livro é também fruto dessa egrégora: da troca entre mentes inquietas, da escuta sensível, da pesquisa contínua e do compromisso com o autoconhecimento como caminho de transformação. Cada contribuição aqui presente reflete o espírito do Colégio — estudar para compreender, compreender para transformar, transformar para lembrar quem se é.

Entre.

A porta está aberta.

Laciene França

Sumário

Introdução.....	12
Entre Véus e Estrelas: Uma Introdução às Ciências Ocultas	14
MAGIA	17
QUEM SEMEIA VENTO COLHE TEMPESTADE	18
O PODER DOS ASTROS NA SUA VIDA	21
O REFLEXO DA LUZ DIVINA NA COR DA AURA	25
FLUXOS E REFLUXOS DA MARÉ HUMANA	28
MAGIA E FEITIÇARIA NO FASCINANTE MUNDO DOS MAGOS	32
O PODER MÁGICO DO ALHO E ALECRIM.....	34
A MAGIA DOS NÚMEROS NO PORTAL 9-9-9.....	37
ALQUIMIA.....	39
O HERMÉTICO E O HERMETISMO	40
O TEMPO É UM CONCEITO IMAGINÁRIO.....	43
OS ESTÁGIOS ALQUÍMICOS E O OPUS MAGNUM	45
Nigredo (Obra Negra) ou Purificação	46
Albedo (Obra Branca) ou Iluminação	47
Citrinitas (Obra Amarela) ou Sabedoria	48
Rubedo (Obra Vermelha) ou Realização	49
ASTROLOGIA.....	51
QUE TAL ENTENDER O QUE É UM HORÓSCOPO, OU MAPA ASTROLÓGICO?	52
DO HORÓSCOPO DE ALMANAQUE AO ZODÍACO E MAPA ASTROLÓGICO.....	54
AFINAL, PARA QUE SERVE MESMO A ASTROLOGIA?	57
DESVENDANDO OS MISTÉRIOS DAS CASAS ASTROLÓGICAS.....	58
QUIROMANCIA, ASTROLOGIA E COMO SERÁ O AMANHÃ	64
SAGRADO FEMININO.....	68
O SAGRADO FEMININO SOB A LUZ DIVINA.....	69
JOANA D' DARC SÍMBOLO DE CORAGEM, FÉ E MUITA RESISTÊNCIA.....	72
OS MISTÉRIOS DE LILITH À LUZ DA MAGIA	74
A VASSOURA DA BRUXA NA TRAVESSIA DOS SÉCULOS	77
Esoterismo cristão	79
O ENÍGMA ESOTÉRICO DO MAGO JESUS CRISTO.....	80
A ARCA DE NOÉ E AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS	82

A TORRE DE BABEL E AS TORRES GÊMEAS.....	85
NOSTRADAMUS: E O MUNDO NÃO SE ACABOU. SERÁ?.....	88

Introdução

Já passei dos oitenta anos, sessenta dos quais dedicados ao estudo da Magia. Conheci várias escolas, diversas práticas, umas que achei válidas, outras não. Com o exercício e prática da Magia, acredito que evolui alguma coisa neste plano de existência.

Chego aos oitenta, satisfeito, realizado, feliz. Há duas décadas, selecionei parte do conhecimento que amalhei e resolvi repassá-la para pessoas que se colocaram como meus alunos e para as quais fundei o Colégio dos Magos de Brasília. Nestes anos, passaram pelo nosso colégio médicos, psicólogos, advogados, engenheiros, donas de casa e domésticas, todos eles buscando um conhecimento que lhes despertasse e ampliasse o raio da Consciência, e que fosse eterno.

Alguns souberam aproveitar os ensinamentos, outros não. Hoje, me vejo no espelho e sinto a necessidade de levar a um número maior de pessoas as lições ministradas no Colégio dos Magos de Brasília. Por isso escrevo o livro Portal da Magia, um apanhado das apostilas do meu curso.

A Magia pode ser definida, de maneira sucinta, como a ciência que estuda uma série de leis da natureza e sua utilização, seja na busca de uma integração espiritual, seja na procura de uma vida feliz.

O caminho da Magia é muito vasto: abrange desde os fenômenos atualmente englobados no campo da parapsicologia, até as práticas que objetivam a colocar a serviço do homem forças sutis, cujo conhecimento ainda escapa à ciência oficial. Embora seu domínio exija estudo e esforço como em qualquer outra ciência, a Magia está praticamente ao alcance de qualquer pessoa que se decida a enveredar pelos seus caminhos, embora talvez nem todos possam se transformar em grandes magos.

Além do mais, pode-se afirmar, sem nenhum exagero, e em certa medida, que todos nós somos bruxos. Consciente ou inconscientemente, estamos sempre aplicando em nossas vidas as leis do conhecimento “oculto”. Apenas ocorre que, por desconhecermos as energias objeto deste livro, muitas vezes utilizamos essas forças contra nossos próprios anseios de auto-realização.

Quantas vezes, por exemplo, nós nos perdemos em atitudes mentais negativas – ciúme, preocupações, possessividade, ambições desmedidas, irritabilidade, desejo de domínio, desejo de admiração – sem perceber que, de um lado, estamos esbanjando preciosas energias

e, de outro, atraindo para nós exatamente aquelas coisas, pessoas e situações que menos gostaríamos de atrair.

A Magia é um caminho que pode levá-lo a uma vida de paz, de alegria, de felicidade, mas que também pode ser um abismo. Tudo depende da maneira como seja aplicado o conhecimento que lhe está sendo passado. Com o conhecimento da Magia, Você irá ampliando o seu horizonte, adquirindo mais e mais poder. Irá entrando em contato com forças cada vez maiores, que poderão ser valiosos auxiliares para a escalada da alegria ou senhores implacáveis. Seu poder mental irá aumentando gradativamente. Isso quer dizer que seus desejos, seus pensamentos, serão cada vez mais fortes, influindo de forma cada vez mais acentuada sobre as pessoas, e atraindo para Você, de acordo com a lei de causa e efeito, o bem ou o mal.

A Magia vai proporcionar a Você todo o conhecimento de que precisa para transformar em realidade seus projetos. Você vai aprender a ser Você, e não outra pessoa. Vai aprender a acertar o seu passo com os ritmos da harmonia universal. Vai aprender a direcionar a sua vida, a atrair tudo quanto deseja: trabalho, amor, uma situação econômica mais confortável. Vai aprender a fazer seus milagres.

Todavia, a confiança é o mais importante pré-requisito do sucesso. “Se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda e disserdes a este monte: transporta-te daqui, ele se transportará”, ensinava Jesus, o maior mago de todos os tempos.

Mago Geraldo Seabra

Entre Véus e Estrelas: Uma Introdução às Ciências Ocultas

Lacienne França



Desde que o ser humano começou a se perceber como parte do mundo, surgiu também o desejo de compreender aquilo que não pode ser visto, mas pode ser sentido. O movimento dos astros, os ciclos da natureza, os mistérios da vida e da morte, os sonhos, os símbolos e as forças invisíveis sempre despertaram curiosidade, fascínio e, muitas vezes, medo. É desse impulso profundo que nascem as chamadas Ciências Ocultas.

O termo “oculto” vem do latim *occultus*, que significa “escondido” ou “velado”. Não se refere ao que é maligno ou proibido, mas ao conhecimento que não é imediatamente acessível aos sentidos comuns e que exige estudo, observação e experiência interior. As Ciências Ocultas englobam saberes como a astrologia, a alquimia, a magia, os oráculos e diversas tradições simbólicas que buscam compreender a relação entre o ser humano, o cosmos e o sagrado.

As origens das Ciências Ocultas remontam às primeiras civilizações organizadas. No Egito Antigo, o conhecimento espiritual, mágico e científico formava um corpo único; sacerdotes eram também astrônomos, médicos e matemáticos. Na Mesopotâmia, os astros eram observados como sinais da vontade divina e como mapas do destino coletivo. Na Grécia Antiga, filósofos como Pitágoras, Platão e Plotino buscaram compreender a ordem invisível que sustenta a realidade visível.

Esses saberes foram posteriormente reunidos sob o que se convencionou chamar de Tradição Hermética, associada simbolicamente a Hermes Trismegisto. Textos como o *Corpus*

Hermeticum e a Tábua de Esmeralda expressam uma visão de mundo na qual tudo está interligado, resumida na máxima: “*O que está em cima é como o que está embaixo*”. Essa ideia fundamenta a noção de que o ser humano é um microcosmo refletindo o macrocosmo, e que compreender a si mesmo é também compreender o universo.

Durante muitos séculos, as Ciências Ocultas caminharam lado a lado com o que hoje chamamos de ciência tradicional. A alquimia, por exemplo, foi precursora direta da química; a astrologia esteve na base da astronomia; e a medicina incorporava princípios simbólicos e energéticos ao cuidado do corpo e da alma. Pensadores como Paracelso, Isaac Newton e Johannes Kepler transitaram entre o rigor científico e o pensamento esotérico sem perceber contradição entre ambos.

Com o advento do racionalismo moderno e a separação entre fé, filosofia e ciência, esses saberes passaram a ser marginalizados. Durante períodos de forte repressão religiosa, especialmente na Idade Média, práticas mágicas e esotéricas foram perseguidas, e muitos conhecimentos sobreviveram apenas de forma velada, simbólica ou em círculos iniciáticos. Ainda assim, as Ciências Ocultas nunca desapareceram. Elas se adaptaram, atravessaram os séculos e continuaram a influenciar a cultura, a arte, a filosofia e a espiritualidade.

No mundo contemporâneo, esses saberes voltam a despertar interesse sob novas perspectivas. A psicologia profunda reconhece o valor dos símbolos e arquétipos; a astrologia é ressignificada como linguagem simbólica e ferramenta de autoconhecimento; os oráculos são compreendidos como instrumentos de reflexão; e a alquimia é vista como um mapa simbólico da transformação interior. Mesmo sem o reconhecimento formal de muitos setores acadêmicos, as Ciências Ocultas seguem oferecendo chaves importantes para a compreensão da experiência humana.

As Ciências Ocultas não se propõem a competir com a ciência moderna, mas a complementá-la. Elas falam de dimensões que não se medem apenas com instrumentos, mas com consciência, sensibilidade e vivência. Seus símbolos, mitos e práticas atravessam culturas porque tocam algo universal: o desejo humano de sentido, pertencimento e transformação.

Estudar esses saberes é aceitar o convite para olhar além da superfície, compreender os ciclos da vida, reconhecer as forças que nos atravessam e assumir responsabilidade sobre o próprio caminho. Longe de superstição ou fantasia, as Ciências Ocultas representam uma

tradição de pensamento profundo, que continua viva justamente porque se reinventa, dialoga e se adapta aos tempos.

Entre véus e estrelas, o conhecimento oculto permanece como um chamado silencioso àqueles que ousam perguntar não apenas o que é o mundo, mas também quem somos dentro dele.



MAGIA

QUEM SEMEIA VENTO COLHE TEMPESTADE

Geraldo Seabra



Vale a pena tocar aqui, mesmo de passagem, no que se chama “choque de retorno”. Há uma lei da física muito conhecida: toda ação provoca uma reação igual e contrária. Se minha mente está carregada de pensamentos de afeto, é compreensível que muitas pessoas se mostrem afetuosas em relação a mim. Se Você se polariza corretamente em relação ao dinheiro, é natural que surjam oportunidades de ganho. Dentro da mesma lei, se Você pratica um ato egoísta, ou procura causar um malefício a quem quer que seja, está atraindo o que talvez não esteja em seus cálculos.

Certa vez, uma senhora acendeu uma vela preta para afastar do marido as mulheres que, imaginava, queriam roubar-lhe o “amado” (talvez seja melhor dizer o homem do qual ela se sentia proprietária). Não sei se elas se afastaram dele. Mas tenho certeza – foi ela própria quem me contou – que dela o maridinho se distanciou.

Uma outra recorreu ao mesmo processo, a vela preta, porém, com uma intenção oposta: queria que o esposo se desinteressasse pelas mulheres. E ele realmente se desinteressou. Ao menos, pelo que sei, por ela... Já um comerciante fechou as portas e mudou-se, depois que mandou fazer um “trabalho” para levar um concorrente à falência. Uma relação de casos conhecidos iria encher folhas e folhas. A sabedoria do povo resume numa simples frase: quem semeia vento, colhe tempestade.

Também é certo que quem semeia roseiras colherá rosas. A lei do amor não é algo místico, uma regra de Cristo ou de Buda. É estritamente científica. Amor, todavia, não é sinônimo de auto-humilhação, de autoflagelação. Não é dar a outra face a bofetadas. Mesmo porque, quem

não tem um profundo amor por si próprio, não pode amar a ninguém. Mas amar também não é possuir as pessoas, prendê-las, retê-las, como um objeto que se compra no mercado. O amor envolve a ideia de doação, jamais a de cobrança.

No terreno da Magia, esta questão é de especial importância. Porque não se trata somente de amar ou odiar, de ajudar ou atrapalhar, mas de utilizar conscientemente, deliberadamente, com pleno conhecimento de causa, forças sutis, cujo manuseio escapa à maioria das pessoas. Não foi por acaso que um feiticeiro, que conheci de perto, terminou por estourar os próprios miolos. Toda pessoa que avança no caminho da magia negra termina por pagar um preço muito elevado.

Lembre-se dos poucos exemplos que citei – das mulheres que recorreram às velas pretas, do comerciante que quisera destruir seu vizinho. A magia negra é empregada não apenas para prejudicar alguém diretamente, mas também em função do egoísmo, querer ocupar o cargo ocupado por outro, ou mesmo transformar uma pessoa num objeto de propriedade pessoal, sob a falsa ideia de que “eu gosto dela”. A esta altura, deixemos claro que não existe a rigor a magia negra. As energias que um mago chamado negro utiliza são as mesmas utilizadas por um mago branco. A diferença está somente na intenção, no objetivo do ato mágico.

Você está entrando num caminho que pode levá-lo a uma vida de paz, de alegria, de felicidade, mas que também pode ser um abismo. Tudo depende da maneira como seja aplicado o conhecimento que lhe está sendo passado. Capítulo após capítulo, Você irá ampliando o seu horizonte, adquirindo mais e mais poder. Irá entrando em contato com forças cada vez maiores, que poderão ser valiosos auxiliares para a escalada da alegria ou senhores implacáveis. Seu poder mental irá aumentando gradativamente. Isso quer dizer que seus desejos, seus pensamentos, serão cada vez mais fortes, influenciando de forma cada vez mais acentuada sobre as pessoas, e atraindo para Você, de acordo com a lei de causa e efeito, o bem ou o mal.

Creio que foi o filósofo argentino Carlos Pecotche, o criador da Logosofia, quem melhor definiu o Karma: “é a herança de si mesmo”. Karma é a ressaca que Você está experimentando hoje, como consequência do pileque de ontem. Karma é a promoção que Você ganha no trabalho, graças ao seu merecimento. A cada dia, a cada instante, nós somos nossos próprios herdeiros. Colhemos o que plantamos. Por mais desagradável que seja reconhecê-lo, fique certo de uma coisa: tudo o que lhe acontece, de bom ou de desagradável, Você fez por onde

merecer. Não culpe o destino. Não jogue a responsabilidade nos outros pelos problemas que Você experimentar. Nada é mais falso do que dizer que fulano ou beltrano me faz ou fez sofrer. Eu apenas recebo o que mereço.

Não faz muito tempo, fui advertido sobre a responsabilidade que assumo quando me proponho a difundir conhecimentos sobre Magia. Dion Fortune hesitou muito antes de escrever seu livro “Autodefesa Psíquica”, porque precisava, para ensinar os métodos de defesa, descrever os processos usados pelas pessoas que procuravam prejudicar magicamente outras. Essa cautela vem de longa data: durante séculos, os cultores da Magia mantiveram sob sete véus o seu conhecimento, protegendo-o contra os incautos que pudessem lançar mão do poder oculto para o mal. Prefiro seguir o caminho de Israel Regardie, autor do magistral “O poder da Magia”, editado no Brasil pela Ibrasa, em tradução de Aydano Arruda.

Não vejo por que sonegar conhecimentos extremamente úteis, só pelo receio de que alguém possa aplicá-los em prejuízos de terceiros. Seria o mesmo que suspender a fabricação de facas, porque alguém poderia ferir ou se ferir com o seu uso. As portas estão abertas. Sejam bem-vindos e bem-vindas ao templo do poder.

Aqui está um primeiro descerrar do véu da Magia. Desde já, peço que estude o tema com a máxima atenção. O magnetismo é a base do edifício que Você vai construir.

O PODER DOS ASTROS NA SUA VIDA

Geraldo Seabra



Prepare-se! Você vai entrar em contacto com uma das áreas mais belas - e de efeitos mais notáveis - do vasto campo do Ocultismo. É a Magia Planetária. Isto é, Você vai aprender como é possível se relacionar com as forças planetárias e para obter tudo o que deseja, desde que para isso esteja preparado. A tradição ensina que existem sete grandes hierarquias cósmicas, que são representadas, no nosso sistema, pelos sete astros tradicionais - Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno. Atribui-se uma hierarquia a cada um desses astros. E cada um de nós está ligado basicamente a uma dessas hierarquias, conquanto todas essas forças atuem, de maneira mais intensa, ou menos intensa, na personalidade e no destino de cada um. Entretanto, cada um desses centros energéticos tem duas faces. A energia de Marte pode se manifestar através do bisturi de um cirurgião que salva vidas ou do punhal de um assassino. Um tipo solar pode ser a representação da grandeza, do brilho de Apolo ou da vaidade doentia de um Narciso. É preciso, pois, que comecemos pelo estudo da natureza - positiva - das sete grandes hierarquias.

O Sol é o princípio vital por excelência, o astro dos líderes - gera uma inclinação natural ao comando. Uma ligação com os aspectos mais elevados da hierarquia solar gera nobreza, autoconfiança, entusiasmo, ambição sadia, distinção, magnanimidade, eminência, uma superioridade natural. Manifesta um talento organizador, uma aptidão para posições mais elevadas. Os tipos solares positivos são encontrados invariavelmente em posições de destaque a quem quer que se harmonize com a hierarquia solar de ter seu lugar na vida. O

aspecto negativo da hierarquia solar se expressa através de uma profunda necessidade de mando, arbitrariedade, tendência ao dogmatismo, presunção, vaidade que atinge as raias do narcisismo, desejo de se auto impor, mesmo que seja ao preço de medidas coercitivas. Na tradição esotérica, atribui-se ao arcanjo Michael o comando da hierarquia solar. Suas cores são o amarelo, o dourado e o laranja. Seu dia, o domingo.

Enquanto o Sol representa a individualidade, a Lua é o símbolo da personalidade - aquilo que se mostra de cada um de nós. Por isso mesmo, a mutabilidade é seu traço principal. Suas manifestações superiores produzem grande imaginação, criatividade, espírito maternal, sensibilidade, paranormalidade, percepções extrasensoriais. O aspecto negativo da Lua se expressa através de romantismo doentio, preguiça, comportamento infantil, tendência à chantagem emocional, notável instabilidade, capricho, inclinação a copiar os outros, o que pode levar até a uma imitação servil. O arcanjo da hierarquia da Lua é Gabriel. Seu dia é a segunda-feira. Suas cores o branco, o azul celeste e o marrom avermelhado.

Marte é o planeta da ação. É o deus grego Ares, arrojado, conquistador, cheio de energia. É o Senhor dos Exércitos, o deus da guerra dos romanos. Ele é a um só tempo construção e destruição. Coragem no seu arco positivo - covardia, no arco negativo. Vamos encontrá-lo no espírito bélico de Alexandre, na alma aventureira de Marco Polo, até mesmo na resistência passiva, mas extremamente brava, do Mahatma Gandhi. As manifestações superiores da hierarquia marciana geram grande energia física, vontade poderosa, bravura, capacidade de realização, virilidade, autoconfiança, intrepidez. No arco negativo vamos encontrar os tíbios, os indecisos, os violentos, vingativos, assassinos, os tiranos, as pessoas marcadas por um comportamento cruel, a mania de destruição. Marte rege os músculos e os glóbulos vermelhos do sangue - e uma influência positiva resulta numa boa disposição e notável vitalidade. Governa a terça-feira. Samael é o arcanjo da sua hierarquia e sua cor é o vermelho vivo.

A hierarquia de Mercúrio está relacionada com a atividade intelectual e com tudo o que representa movimento. Mercúrio é o intermediário por definição: e não é por acaso que, na mitologia grega, ele é o mensageiro dos deuses. Rege os jornalistas, os advogados, os comerciantes e viajantes, os oradores, a criação poética, todas as formas de comunicação, desde a palavra até o telégrafo e a imprensa. No seu aspecto positivo, expressa tudo isso de maneira elevada. No

aspecto negativo da hierarquia mercurina estão os ladrões, os falsificadores, os caluniadores, os traidores de todos os matizes, os mentirosos. Entre os dias da semana, Mercúrio rege a quarta-feira. O arcanjo de sua hierarquia é Rafael. Suas cores são o laranja e o amarelo.

Júpiter é uma das mais importantes divindades em todos os cultos politeístas. Vamos encontrá-lo como a figura de Zeus, o pai dos deuses, na mitologia grega. Uma manifestação da mesma natureza, conquanto sem a grandeza da divindade helênica, temos em Xangô, na mitologia africana. O Deus Pai Todo Poderoso é, por igual, uma representação jupiteriana. Na verdade, Júpiter é o “paizão” – bondoso, generoso, que providencia o alimento para as aves do céu. “quanto mais para vós, homens de pouca fé”, na frase atribuída a Jesus. Ele é filósofo, sábio, conselheiro, leal, compreensivo, magnânimo. É o grande provedor: quem quer que se ligue à hierarquia de Júpiter não conhecerá privações. Seu amor ao conforto é um caminho natural para o bem-estar material. Ao mesmo tempo, Júpiter representa a verdadeira religião; no arco negativo, entretanto, vamos encontrar a superstição, a ambição desvairada, a hipocrisia, o apego demasiado aos bens materiais, a busca da pompa, a vaidade, a ostentação, a arbitrariedade. O exibicionismo do novo rico é tipicamente jupiteriano. Seu dia é a quinta-feira. A tradição diz que o arcanjo da sua hierarquia é Sachiel. As cores de Júpiter são o azul e o violeta.

Onde quer que haja arte, beleza, aí está a marca de Vênus. Todas as artes – música, pintura, escultura, teatro, dança estão sob a regência da hierarquia venusiana. Tudo o que contribui para o embelezamento pessoal e dos ambientes é igualmente venusino. Mas Vênus é acima de tudo amor – e nos vamos encontrar na divina Afrodite, da mitologia grega, a versão helênica de Vênus. Ela governa as flores, os perfumes, o vestuário, os lugares alegres, as diversões. Mas estão dentro desta mesma hierarquia, no seu aspecto negativo, as prostitutas, os lugares chamados “de encontros”, os bordéis e os hotéis. Da mesma forma que, no seu aspecto superior, Vênus rege o amor que chega a mais profunda união psíquica, governa, no seu aspecto inferior, todos os excessos sexuais. Os que sofrem no seu relacionamento amoroso são expressões do arco negativo desta hierarquia. Vênus rege a sexta-feira. Anael é o anjo da sua hierarquia. Sua cor é o verde.

A última das sete grandes hierarquias é a de Saturno. São desta hierarquia as mais altas qualidades mentais: dom de concentração, capacidade de investigação penetrante e profunda, força mental.

Saturno, em suas manifestações superiores, é tenaz, perseverante, trabalhador. É o “guardião do umbral”, o planeta do Karma, que está sempre a cobrar os resultados dos nossos atos, palavras e pensamentos. Uma influência positiva de Saturno inclina o ascetismo, filosofia, ciência, isolamento. A agricultura, a construção, todos os imóveis, mineração, arquitetura e os profissionais destes ramos estão na linha de Saturno. Mas também os enfermeiros, carcereiros, coveiros estão sob as vistas da hierarquia saturnina. No seu arco negativo, Saturno se manifesta através de dificuldades materiais, medo, desconfiança, pobreza (os mendigos são tipos saturninos), prisão, hospitalização. Os representantes das baixas correntes de Saturno são cruéis, profundamente egoístas, ciumentos, possessivos, incapazes de amar: nos relacionamentos, a idéia de posse prevalece. Não há respeito à liberdade. Afinal, já foi dito que Saturno rege todas as formas de aprisionamento... Seu dia é o sábado. O arcanjo da hierarquia saturnina é Cassiel. Suas cores são o negro e o índigo.

No Colégio dos Magos e Sacerdotisas Você vai aprender como invocar cada força planetária na medida de suas necessidades, mas é importante perceber a que hierarquia somos especialmente ligados. Certamente, somos influenciados por todas elas, porém manifestamos de maneira mais acentuada a marca de uma das hierarquias em nossa vida, seja no sentido positivo, seja no sentido negativo.

O REFLEXO DA LUZ DIVINA NA COR DA AURA

Geraldo Seabra



O uso das cores constituem um dos temas mais estudados e aplicados da Magia. Em cada prática, em cada ritual, você pode recorrer a uma ou mais cores, de acordo com o que você pretende alcançar ou realizar. Seja com o objetivo de ajudar uma pessoa, seja para estimular seus centros psíquicos, seja para atrair ou afastar determinadas energias cósmicas.

Você certamente já ouviu falar de aura, uma luz intensa e colorida que envolve nossos corpos físicos. É a cor e o brilho que nos leva a determinados estados de espírito ou estágios de consciência. Paranormais sensitivos que têm a visão da aura humana podem perceber com facilidade a aura de uma pessoa e interpretar suas vidas a partir do que vêem. Caso notem uma coloração amarela, saberão tratar-se de uma pessoa magnética, cheia de vida. Quando a cor é próxima do preto, a pessoa estará debilitada, deprimida, com pouca vitalidade.

O método de fotografia da aura humana criada por Kyrlian permite hoje que fotografemos a aura, independentemente de poderes paranormais. A partir da fotografia, existe um método de interpretação do colorido. O estudo e a aplicação da cor para correção de disfunções áuricas já são largamente difundidas entre médicos e terapeutas com o rótulo de Cromoterapia. São várias as clínicas e hospitais que pintam suas paredes com cores que se adequam às terapias propostas. Em clínicas psiquiátricas, por exemplo, é comum encontrarmos paredes pintadas de azul, uma cor repousante. Nos templos devotados a Exu, por outro lado, há predomínio da cor vermelha, excitante.

A percepção e a manipulação da energia áurica podem ser feitas de diversas maneiras. Aqui apresentarei a mais simples delas.

Feche os olhos por alguns instantes e procure imaginar o Sol. Sejam honestos. De que cor Você vê esse Sol em seus pensamentos? E em volta dele? Pode parecer absurdo, mas é comum as pessoas verem um Sol preto! Por vezes, o vêem vermelho! O preto será percebido quando a pessoa estiver cansada, esgotada! O vermelho quando está com raiva, irada. Quando fechamos os olhos e buscamos a imagem do Sol em nossas mentes e encontramos o amarelo, é porque estamos harmônicos. Isso é difícil de ser alcançado. Caso consiga divisar qualquer uma das cores do arco-íris à sua escolha, Você estará pronto para se lançar no estudo da Magia. Caso contrário, é preciso que exercite o controle das cores na sua tela mental.

Há uma variedade de formas para o uso das cores. Um quarto pintado de azul ou verde convida ao repouso. Peças cor-de-rosa em uma sala torna as reuniões mais alegres, mais vivas. Um escritório, uma sala de estudos com paredes amarelas são ótimos para o trabalho. Um ambiente carregado de vermelho vai conduzir, com o tempo, a brigas e intrigas. A utilização dos raios cromáticos mais recomendável é através de lâmpadas coloridas, água exposta a essas lâmpadas e vasilhames coloridos.

Recorte alguns papéis coloridos (azul, amarelo, verde, vermelho, violeta, marrom...) e os guarde com Você. Sempre que possa, escolha uma das cores e a fite, procurando memorizá-la. Feche os olhos por alguns instantes e pinte uma cena qualquer com a cor que Você está exercitando a memorização. Faça isso com todas elas, sem pressa (pode durar uma semana, um mês) até conseguir imaginar de pronto todo um arco-íris em sua tela mental.

Os recortes de papéis podem ser substituídos por velas coloridas que ajudarão na fixação das cores. Para este caso, o uso da vela é bastante simples: adquira um pacote de velas coloridas e acenda uma cor a cada vez, fitando-a por alguns minutos, buscando memorizar sua cor.

A cor alaranjada é estimulante da energia mental e quem lida com Magia precisa tê-la sempre pronta para o trabalho. Enquanto Você exercita a memorização das cores, utilize-se de uma ajudazinha externa. Durante uma semana, procure carregar-se de energia laranja. Para isso, Você precisará tomar banhos de luz alaranjada ou beber água carregada com energia dessa cor. Para o banho de luz, Você acende uma lâmpada de 15 ou 40 watts, de cor laranja, e deixa que os raios batam

sobre o peito durante não mais do que 30 minutos. O ideal é que o peito esteja descoberto, para que os raios de luz possam penetrar mais facilmente. A água carregada pode substituir o banho de luz. Você pega um copo transparente cheio de água e deixe-o em repouso, e exposto à luz laranja durante o mínimo de 30 minutos e máximo de uma hora. Findo esse tempo, beba a água. Não vá além dos tempos recomendados, para evitar hiperexcitação dos nervos e irritabilidade.

FLUXOS E REFLUXOS DA MARÉ HUMANA

Geraldo Seabra



Se Você der uma olhada à sua volta, logo observará, em todas as manifestações da natureza, a sucessão dos ciclos positivos e negativos. Tomemos o exemplo mais simples o nascer do Sol. Nos primeiros raios de luz solar a Natureza desperta; as atividades aumentam; a vida estremece. Pouco a pouco, na medida em que o Sol, no seu movimento aparente, se dirige para o meio do céu, o calor aumenta, a luz é mais intensa e as atividades se tornam mais dinâmicas. Quando chega o zênite, ponto mais alto da sua “escala” diária, o Sol está mais forte. E aí começa a declinar, rumo ao ocaso, mas ainda é dia, ainda há vida e há calor. Por fim, o Sol se põe. Terminou o ciclo positivo e inicia-se o ciclo negativo, que atingirá o ápice quando o Sol chegar no fundo do céu e terminará quando o astro-rei brilhar novamente no horizonte oriental, começando um novo ciclo positivo.

O ciclo lunar é outro exemplo típico de movimento cíclico. Da Lua Nova à Lua Cheia, o satélite terrestre parece crescer, e experiências de milhares de anos apontam como certo que esta é uma fase em que a Lua tem efeitos mais definidos sobre a Terra. Da Nova à Cheia, temos o ciclo positivo. Da Cheia à Nova, o ciclo negativo. Poderíamos alinhar dezenas ou centenas de outros exemplos: maré enchente, maré vazante; o ciclo das estações; os períodos da História. Em tudo, invariavelmente, o positivo e o negativo se sucedem. A polaridade aqui entendida no sentido de correntes elétricas, não no sentido ético.

No nosso organismo, ocorre exatamente o mesmo. O simples movimento respiratório é uma série de miniciclos - inspiramos o ar, positivo; expiramos, negativo. O estudo dos ciclos do biorritmo chega também à mesma idéia das fases positivas e negativas. Mas o que vamos examinar agora é o ritmo respiratório, a sucessão das fases positiva e negativa da nossa respiração nas 24 horas do dia.

De duas em duas horas, aproximadamente, passamos a respiração de um lado para outro das nossas narinas. Durante cerca de duas horas, respiramos pelo lado direito - é o ciclo positivo, que os orientais chamam de respiração solar; durante alguns minutos respiraremos pelas duas narinas e, logo em seguida, passamos a respirar pela narina esquerda - o ciclo negativo, que no Oriente chamam de respiração lunar. Com esta sucessão dos ciclos, há um equilíbrio entre o esforço, a atividade maior, o aumento da temperatura corporal, a tensão geral da fase positiva, e a tendência ao repouso, à queda da temperatura, ao relaxamento da fase negativa. Quando respiramos pela narina esquerda, estamos no nosso quarto-minguante, na nossa maré vazante; quando respiramos pela direita, ingressamos no nosso quarto-crescente, na nossa maré enchente.

Os ciclos positivos e negativos da respiração sucedem-se naturalmente, mas Você pode decidir-se a qualquer momento por esta ou aquela fase. Se Você está se sentindo preguiçoso, indisposto, por exemplo, pode passar a respiração para o lado direito, respirar profundamente durante alguns momentos e logo verá, mantendo a respiração pela direita, que seu corpo experimenta um novo despertar. Se, ao contrário, Você deseja relaxar, basta passar a respirar pela esquerda e em breve seu organismo perderá a tensão. Oportunamente, será visto com maiores detalhes o que acontece e o que pode ser feito durante as fases solar e lunar da respiração.

Mas há outro processo para Você fazer subir ou descer, quase instantaneamente, o seu ritmo vital. É uma velha prática que vem dos templos egípcios, dos dias de Buda, dos druidas. Eu disse que o movimento respiratório é um miniciclo positivo/negativo. Realmente, quando inspiramos o ar, absorvemos energia, força, calor - e quando expiramos, expelimos energia. Agora, pare e observe sua respiração. O que

acontece? Entre a inspiração e a expiração, há um espaço que pode ser de alguns segundos, ou de frações de segundos, em que o ar é retido nos pulmões. Igualmente entre a expiração e a inspiração, ocorre outro lapso de tempo, da mesma forma menor ou maior, variando de pessoa a pessoa, das condições emocionais, de uma série de fatores.

Vamos agora experimentar reter o ar fora e dentro dos nossos pulmões. Antes, porém, façamos uma ligeira consideração sobre dez importantes figuras, que estão em nossa companhia: as pontas dos dedos. Dos dedos das mãos, bem entendido. Além da parte mecânica que lhes cabe, as pontas dos dedos têm outras importantes funções, estudadas com carinho pelo Ocultismo. Elas são, ao mesmo tempo, antenas receptoras e transmissoras de energia. Por elas (e pelas palmas das mãos) estamos eliminando constantemente uma porção de coisas com as energias que por elas escapam.

Ora, se é verdade que eliminamos energia pelas pontas dos dedos, o que acontece se unirmos as pontas dos dedos da mão direita com as pontas da mão esquerda? O circuito está fechado, não é? Se as pontas dos dedos são emissoras e receptoras de energia, juntando-as, nós vamos passar para a mão esquerda as energias que estão sendo eliminadas pela direita e vice-versa. Então, se juntamos as pontas dos dedos das duas mãos, estamos retendo energia, estamos segurando nossa força.

Voltemos ao positivo/negativo. Quando Você inspira, está na fase positiva da respiração; quando Você para, por um minuto de tempo que seja, entre a inspiração e a expirar, Você está prolongando a fase positiva do movimento respiratório. E, é claro, quando Você faz outra paradinha, entre a expiração e a inspiração, Você está prolongando a fase negativa desse movimento. A conclusão é óbvia demais: se Você demora mais um bocadinho entre a inspiração e a expiração, por um ato de vontade, Você retém mais energia positiva no seu organismo; e se Você por mais uns segundinhos o espaço entre a expiração e a inspiração, Você está aumentando suas reservas de energia negativa - e cada uma delas é igualmente necessária, cada uma têm suas aplicações adequadas.

Nosso objetivo é o governo das energias, sua orientação,

seu aproveitamento. É claro que quanto maior for nossa reserva de energia, maiores serão as nossas condições de êxito. Você aprendeu que, juntando as pontas dos dedos das duas mãos, estará retendo energia. Então, faça isso constantemente. Sempre que houver oportunidade – em casa, conversando, num cinema, num teatro, em qualquer parte, junte as pontas dos dedos. Se for possível, feche os olhos também. Você um dia saberá que fechar os olhos é, às vezes, muito mais importante do que tê-los abertos.

MAGIA E FEITIÇARIA NO FASCINANTE MUNDO DOS MAGOS

Giovanni Seabra



A Magia e a Feitiçaria são fenômenos culturais, espirituais e religiosos que acompanham a humanidade desde seus primórdios, conforme registros rupestres nas cavernas, assim como objetos e restos mortais encontrados em cemitérios ancestrais datados de milhares de anos. Ambas remetem ao esforço humano de interagir com forças invisíveis para transformar a realidade, proteger-se de infortúnios ou alcançar objetivos específicos, como caçadas bem sucedidas e vitória sobre os inimigos. Embora intimamente relacionadas, a Magia e a Feitiçaria apresentam diferenças conceituais, históricas e práticas que marcaram sua trajetória no Ocidente e no Oriente.

O Mago Aleister Crowley definiu a Magia como “a ciência e a arte de causar mudanças em conformidade com a vontade”. Ela se fundamenta nos princípios herméticos, como a correspondência entre microcosmo e macrocosmo, a manipulação de símbolos e a invocação de forças espirituais. A Feitiçaria, por sua vez, está mais relacionada à tradição popular, às práticas transmitidas de geração em geração, envolvendo encantamentos, poções, ervas e rituais de proteção. Enquanto a Magia hermética busca o desenvolvimento interior e a comunhão com entidades superiores, a Feitiçaria enfatiza a solução prática de problemas cotidianos.

Desde a Antiguidade, a Magia esteve presente nas culturas egípcia, mesopotâmica, grega e romana. No Egito, sacerdotes utilizavam rituais mágicos ligados a Ísis e Thoth, associando-os à cura e à proteção espiritual. Na Grécia, a Magia se entrelaçava com a

filosofia, especialmente no neoplatonismo e na teurgia, práticas que buscavam o contato com o divino. Já a Feitiçaria, está mais vinculada ao uso popular da Magia, sendo praticada entre comunidades camponesas e tradicionais, muitas vezes demonizada pelas elites religiosas e políticas, sobretudo durante a Idade Média e a Inquisição.

A Magia, em sua vertente erudita, encontra-se preservada e sistematizada em ordens herméticas e iniciáticas, como a Ordem Hermética da Aurora Dourada (Golden Dawn), fundada no século XIX, que estruturou rituais de invocação angélica, astrologia e cabala. Também se destacam a Ordo Templi Orientis (O.T.O.), influenciada pelos ensinamentos de Aleister Crowley e pela filosofia de Thelema, e a Societas Rosicruciana in Anglia, que perpetuou tradições alquímicas e cabalísticas. Essas ordens enfatizam a Magia como caminho espiritual, ligada ao autoconhecimento, à ascensão da alma e à união com o divino.

Entre as práticas mágicas estão a teurgia, que busca a união com divindades, a astrologia, a alquimia e o uso de grimórios. A Feitiçaria, por sua vez, é marcada por rituais como círculos mágicos, encantamentos, uso de velas, pedras, amuletos e ervas medicinais.

A diferença entre magos e feiticeiras reside sobretudo no estatuto social e no propósito de suas práticas. O mago está associado ao conhecimento erudito, próximo das cortes e das escolas filosóficas, estudando astrologia, alquimia e cabala. Sua prática é considerada elevada, conectada ao divino e, muitas vezes, tolerada ou respeitada. Já a feiticeira atuava no âmbito popular, transmitindo saberes orais e rituais práticos de cura, amor, fertilidade e proteção. Essa proximidade com o povo levou à perseguição de muitas mulheres durante a caça às bruxas, acusadas de pactos demoníacos e práticas ilícitas.

Enquanto o mago busca o aperfeiçoamento espiritual e o domínio das leis universais, a feiticeira está voltada para a comunidade, atendendo a demandas concretas, no amor, no trabalho, na saúde... Ambos, no entanto, compartilham a mesma raiz: a crença no poder humano de manipular energias e símbolos para interagir com o invisível.

O PODER MÁGICO DO ALHO E ALECRIM

Giovanni Seabra



O alho e o alecrim são dois poderosos aliados na Magia, capazes de trazer proteção, purificação e boas energias. O alho afasta influências negativas e é um escudo natural contra energias densas. Já o alecrim purifica, fortalece o espírito e atrai clareza mental. Esses ingredientes têm sido utilizados por bruxos, bruxas, magos e sacerdotisas há séculos para renovar a alma, o corpo e proteger contra todos os males.

O uso de ervas na Magia acompanha a humanidade desde os primórdios, sendo o alho (*Allium sativum*) e o alecrim (*Rosmarinus officinalis*) dois dos elementos mais consagrados na tradição esotérica, alquímica e wiccana. Ambos carregam atributos simbólicos e energéticos que os tornaram indispensáveis em rituais de proteção, purificação e fortalecimento espiritual.

Na tradição da Wicca, o alho é reconhecido como um poderoso protetor contra forças negativas e entidades indesejadas. Colocado em portas ou janelas, simboliza uma barreira energética contra más influências. Textos de magia popular europeia indicam que pendurar tranças de alho dentro das casas afasta a inveja e o mau-olhado, prática que ecoa no uso ritualístico na Europa, no Brasil e outras regiões do mundo.

O alecrim, por sua vez, é considerado uma erva solar, associada ao elemento fogo e ao planeta Sol, segundo a correspondência clássica do Mago Agrippa, na obra *De Occulta Philosophia*. Seu aroma penetrante e a energia vibrante simbolizam vitalidade, clareza mental e purificação. Queimar ramos de alecrim em rituais wiccanos é prática comum para consagrar espaços, invocar proteção e reforçar a conexão espiritual.

Na alquimia, tanto o alho quanto o alecrim possuem representações simbólicas ligadas à transmutação do corpo e do espírito. O alho, pelo seu odor forte e natureza penetrante, é associado à expulsão das impurezas internas e externas, funcionando como metáfora do processo de separação alquímica (*separatio*). O alecrim, por sua vez, representa a incorporação da luz solar e da energia vital (*spiritus*), sendo utilizado em elixires e destilações medicinais. O uso combinado do alho e do alecrim revela uma dualidade alquímica e espiritual: enquanto o alho representa a expulsão das forças negativas, o alecrim simboliza a incorporação da luz e da vitalidade.

O Egito Antigo, berço de uma das mais sofisticadas tradições religiosas e mágicas do mundo, atribuiu profundo valor às plantas em seus rituais sagrados. Entre essas, o alho e o alecrim se destacaram tanto no campo medicinal quanto esotérico, sendo integrados às práticas funerárias, mágicas e de purificação espiritual. O alho era cultivado no Egito desde o terceiro milênio a.C., como relatado nos papiros médicos datados de 1550 a.C., que mencionam as suas propriedades curativas e protetoras. Além do seu uso medicinal contra infecções, acreditava-se que o alho possuía um poder capaz de afastar influências nocivas, espíritos malignos e forças demoníacas que ameaçavam a ordem (*Maat*).

O alecrim, por sua vez, embora de origem mediterrânea, chegou ao Egito através de rotas comerciais que ligavam o delta do Nilo ao Mediterrâneo oriental. Há evidências do uso da planta em contextos funerários egípcios, associado ao processo de embalsamamento e purificação dos corpos. Seu perfume era considerado solar, invocando a energia de Rá, o deus-sol, servindo para preservar a sacralidade do corpo e da alma.

Diversos grimórios medievais e renascentistas recomendam o uso combinado dessas duas plantas. Uma infusão de alho e alecrim era preparada não apenas como remédio físico, mas também como poção protetora contra “espíritos malignos e pestilências”, conforme descrito em compilações de magia natural da Idade Média.

Na Wicca contemporânea, práticas de bruxaria verde unem alho e alecrim em feitiços de banimento e de proteção energética. Uma receita comum consiste em preparar um pequeno saquinho de pano contendo dentes de alho e folhas secas de alecrim, usado como amuleto protetor. Além disso, ao cozinhar, as bruxas modernas costumam invocar a energia dessas ervas, transformando o ato de alimentar em ritual sagrado de cura e proteção.

Outro aspecto importante é o uso do incenso de alecrim com alho seco em rituais de Lua Cheia, voltados para limpeza espiritual e fortalecimento da aura. Essa prática ecoa a tradição hermética, na qual o fogo alquímico transforma as ervas em fumaça sagrada, elevando suas propriedades ao plano etéreo.

Portanto, alho e alecrim, quando unidos, formam uma dupla mágica que sintetiza os princípios alquímicos de separação e incorporação, a sabedoria popular de proteção e cura, e a espiritualidade wiccana que enxerga nas ervas o reflexo do poder da natureza. Através deles, a Magia se manifesta tanto no plano físico quanto no espiritual, preservando e fortalecendo aqueles que invocam o seu poder.

Use mas não abuse!

A MAGIA DOS NÚMEROS NO PORTAL 9-9-9

Giovanni Seabra



A Numerologia é um conhecimento cujas raízes se perdem no recuo do tempo. É uma ciência que estuda e demonstra a influência dos algarismos em nossas vidas e a íntima conexão entre três entidades sagradas: Homem-Número-Cosmo. No Livro de Thot do Antigo Egito as divindades representam os princípios universais; estes se expressam por meio de símbolos, os símbolos são interpretados por números, e os números traduzem as ideias e a Criação. O consagrado Axioma de Pitágoras “Deus Geometriza”, remete à Criação Divina com precisão matemática nos corpos universais, na vida e em tudo que existe no Céu e na Terra.

A numerologia é uma das mais antigas ciências simbólicas, reconhecida como a linguagem universal dos números, praticada desde a Antiguidade por tradições pitagóricas, cabalísticas e herméticas. Sua premissa fundamental é a de que os números não apenas medem a realidade, mas também expressam qualidades espirituais e arquetípicas. Do ponto de vista astrológico e esotérico, os números refletem ritmos cósmicos, influências planetárias e ciclos de vida, constituindo-se em chaves de interpretação tanto para o destino humano quanto para o funcionamento do universo.

O ano corrente de 2025 é reduzido ao número 9 (2+0+2+5). O 9 é impregnado das vibrações de Marte, um planeta dinâmico, guerreiro e feroz que provoca tensões e conflitos. Ligado ao signos de Áries e Escorpião, o 9 representa a destruição e renovação, o “solve et coagula” na linguagem alquímica.

A data 9 de setembro de 2025 corresponde ao número 992025, e, quando reduzido ($9+9+2+0+2+5$), resulta em 27, que, por sua vez, se reduz a 9 ($2+7$). O nove, portanto, é o número raiz, símbolo do fechamento de ciclos e início de novos caminhos. Segundo Pitágoras, o 9 é “o número da iniciação e do retorno à unidade”. Pode ser interpretado como o fim do começo ou o começo do fim.

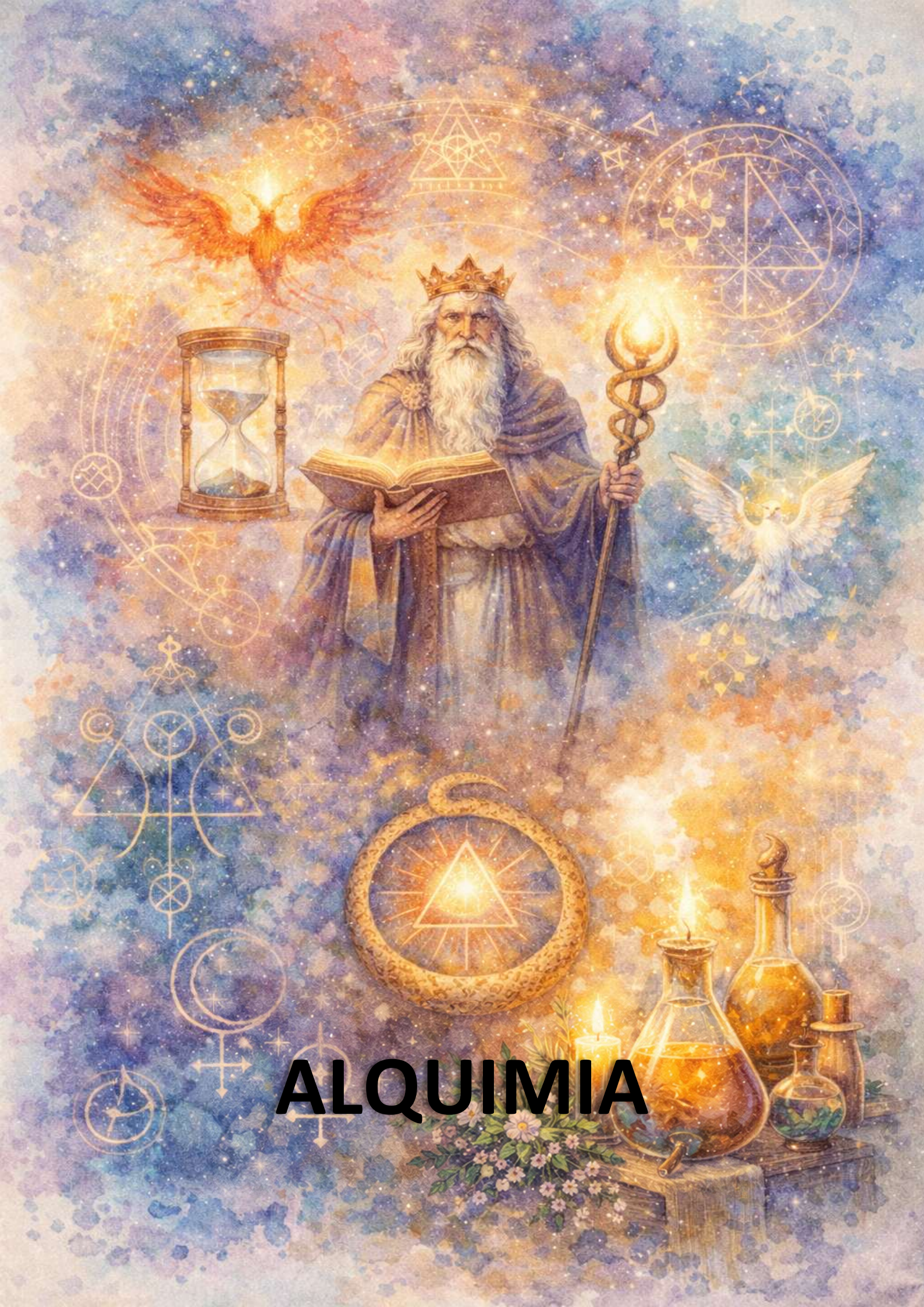
O dia 9 de setembro de 2025, portanto, apresenta uma poderosa repetição do número nove (9/9/9), intensificando suas qualidades. Em numerologia, datas com repetições numéricas são consideradas portais energéticos, momentos em que as vibrações se amplificam. Assim, nesse dia 9 de setembro, os cuidados devem ser redobrados, pois a mudança que se divisa pode causar danos e traumas irreversíveis, tanto nas relações entre países, como nos jogos de poder, e nas pessoas, pois os ânimos estão exaltados e propensos a rupturas.

O 9 pode também manifestar-se como excesso de idealismo, isolamento e melancolia. Em termos kármicos, o número aponta para o desapego e o perdão. No Tarot, o 9 corresponde ao Hermitão, arcano relacionado à experiência, sabedoria, recolhimento, meditação, busca da verdade, equilíbrio. Está associado a Marte em Áries – coragem, firmeza, espírito de luta, mas possibilidade de precipitação. Por isso mesmo, não é um arcano de muitas esperanças. O seu axioma é: “Sobe o monte e contempla a terra prometida, mas não te digo que porás os pés nela”. Vale uma reflexão.

Para os menos avisados, cabe uma orientação numerológica. O Mapa das Vibrações atende tanto à pessoa física como às empresas, de modo a harmonizar o Ser, reduzir os prejuízos da empresa e otimizar os lucros. O trabalho de assessoria abrange o perfil da pessoa, incluindo os traços do caráter, da personalidade, possíveis mudanças no nome, análise de compatibilidade em relacionamentos e as expectativas do destino. A supressão ou acréscimo de uma ou mais letras do nome pode tanto atrair fatores favoráveis, como eliminar os desfavoráveis. A data de nascimento e o dia do aniversário delineiam a Estrada da Vida a ser percorrida, assim como as vibrações do Ano Pessoal.

Um exemplo clássico na alteração do nome da pessoa é o caso da cantora ANITTA, grafado com dois Ts, que corresponde ao número “11”, ideias, ideais, mas também instabilidade. Por outro lado, ANITA, com um T, quando somadas as letras e reduzidas a um só algarismo, tem como resultado o número 9. Mas, tudo é uma questão de gosto.

Vale conferir!



ALQUIMIA

O HERMÉTICO E O HERMETISMO

Marco Mammoli



A palavra hermético possui múltiplos significados, dependendo do contexto em que é empregada. Sua origem remonta à figura mítica de Hermes Trismegisto (Três Vezes Grande), um personagem associado ao conhecimento esotérico e à alquimia. Carrega significados relacionados a fechamento, mistério e complexidade, tanto no plano físico quanto no simbólico. A origem etimológica do termo deriva do latim *hermeticus*, que por sua vez se origina de Hermes. Em particular, associa-se à prática alquímica de “lacrar hermeticamente” recipientes, usando uma técnica que simbolizava o segredo e o isolamento total. A conexão com o hermetismo lhe confere uma dimensão esotérica, enquanto seu uso cotidiano enfatiza o sentido de algo inacessível ou totalmente lacrado. O significado do termo hermético, evoluiu ao incluir outros significados. Vejamos alguns.

No Contexto Esotérico e Filosófico, hermetismo, refere-se à tradição filosófica e espiritual derivada dos escritos atribuídos a Hermes Trismegisto. Um texto ou ideia é considerado “hermético” quando está relacionado a esse sistema de pensamento, frequentemente associado ao ocultismo, à alquimia e à espiritualidade. Pode ser usado como metáfora de inacessibilidade ou fechamento, um texto, conceito ou discurso é chamado de “hermético” quando é difícil de entender, muitas vezes por ser complexo, enigmático ou cheio de simbolismo, por exemplo: “A explicação dele sobre o tema era tão hermética que ninguém conseguiu entender.”

No dia a dia, em contextos físicos ou práticos, é utilizado quando se refere a algo completamente fechado, sem espaço para entrada ou

saída de ar, líquidos ou outros elementos, como no exemplo: “O frasco foi lacrado hermeticamente para evitar contaminação.” No sentido figurado, pode descrever algo ou alguém que é reservado, isolado ou inacessível, como no exemplo: “Ela é uma pessoa hermética, dificilmente compartilha seus sentimentos.”

Hermes Trismegisto é uma figura mítica que combina elementos do deus egípcio Thoth e do deus grego Hermes. É uma corrente esotérica que abrange uma ampla gama de ensinamentos, incluindo metafísica, alquimia, astrologia, magia, filosofia e espiritualidade. Os textos fundamentais do hermetismo são conhecidos como o Corpus Hermeticum, uma coleção de escritos que datam dos primeiros séculos da Era Comum. Esses textos foram compostos em grego e refletem uma fusão do pensamento grego, egípcio e, possivelmente, influências babilônicas e judaicas. Para quem está interessado sugiro um livro, o “Corpus Hermeticum Graecum”, escrito em português e grego (texto bilíngue), traduzido pelo professor David Pessoa de Lira. Outro texto essencial é a Tábua de Esmeralda, um pequeno e enigmático documento que contém aforismos atribuídos a Hermes Trismegisto, incluindo o famoso princípio: “Assim como é acima, é abaixo”.

Mergulhar na “Tábua de Esmeralda”, é um passo importante e contínuo para alcançar a Quintessência, a Luz Divina. Ambos os textos dialogam com o leitor ao longo do tempo. Alquimicamente, eles acompanham o nosso desenvolvimento reafirmando Heráclito: “Assim como as águas do rio em que me banho hoje não são as de ontem, cada parágrafo se renova a cada releitura e reestudo”.

Os ensinamentos herméticos podem ser sintetizados em alguns princípios fundamentais como, por exemplo, no livro “O Caibalion” (publicado em 1908). Esses princípios incluem:

1. Princípio do Mentalismo: O universo é mental; tudo começa e existe como uma ideia ou pensamento;
2. Princípio da Correspondência: Como é acima, é abaixo; como é dentro, é fora. Este princípio sugere que existe uma harmonia entre diferentes níveis de existência;
3. Princípio da Vibração: Tudo está em movimento e vibra em diferentes frequências;
4. Princípio da Polaridade: Tudo tem opostos, e os opostos são idênticos em natureza, mas diferentes em grau;
5. Princípio do Ritmo: Tudo flui, vai e vem, e os movimentos seguem padrões rítmicos;

6. Princípio de Causa e Efeito: Toda ação gera uma reação; tudo tem uma causa e um efeito correspondente.

7. Princípio de Gênero: O gênero está presente em tudo; existe o masculino e o feminino em todos os aspectos do cosmos.

O Hermetismo enfatiza o autoconhecimento como caminho para a sabedoria e a união com o divino. Ele vê o ser humano como um microcosmo que reflete o macrocosmo do universo. O objetivo final do adepto hermético é alcançar a gnose (conhecimento direto do divino) e a theosis (união com o divino). Teve grande influência no Renascimento, quando muitos textos antigos foram traduzidos para o latim. Ele inspirou alquimistas, filósofos, cientistas e ocultistas, como Paracelso, Giordano Bruno e Isaac Newton. Também influenciou escolas esotéricas modernas, como a Teosofia, a Ordem Hermética da Aurora Dourada e a Fraternidade Rosacruz, além de várias ordens ao longo dos séculos.

O alquimista sabe que atualmente, por estimular a análise e a busca de perguntas e respostas ao macro e microcosmo, o hermetismo continua sendo estudado e praticado como uma via de desenvolvimento espiritual que une misticismo, filosofia e ciência. Sua ênfase na busca pelo conhecimento e pela harmonia universal o torna atemporal e aplicável a diversas tradições e contextos. Nada mais renascentista. Nada mais alquímico e libertário! Em pleno início de nosso século!

O TEMPO É UM CONCEITO IMAGINÁRIO

Marco Mammoli



O tempo é um conceito imaginário, portanto quem o está imaginando importa e muito! Todos os seres vivos têm seus ciclos de funcionamento chamados ritmos circadianos. A palavra "circadiano" vem do latim circa (cerca de) e dies (dia), indicando "aproximadamente um dia". Os ritmos circadianos são ciclos biológicos de aproximadamente 24 horas que influenciam quase todos os aspectos do funcionamento dos organismos vivos, incluindo os humanos, por esse motivo podemos chamá-los de “tempo biológico”. Estão intimamente ligados ao conceito de tempo, pois são regulados principalmente pela alternância entre luz e escuridão ao longo do dia. Os ritmos circadianos são uma manifestação notável de como os organismos se adaptaram ao ciclo natural do dia e da noite, sendo fundamentais para a saúde e o bem-estar. Compreender como funcionam pode ajudar a melhorar a qualidade de vida em um mundo que frequentemente desafia esses ritmos naturais.

Nossos ritmos circadianos externos, também chamados de tempo externo, dia e noite, são formas de relacionamentos entre humanos e a natureza, envolve os ciclos das estações, o nascer e o pôr do sol. Podemos dizer que esses ritmos são regulados, em parte, pela presença da luz ou sua ausência. Nossos ritmos circadianos internos, ou tempo interno, são formas que nosso corpo cria seus próprios ciclos, como sono, fome, sede, despertar. Desde a revolução industrial o tempo foi removido da natureza das coisas, das gentes, do planeta e passou a ser instrumento do "progresso".

E com isso foram se apagando características grupais e individuais. Buscar o equilíbrio e a harmonia entre os ritmos circadianos do planeta e da natureza humana é um trabalho alquímico

importantíssimo. Existem meios para sincronizar nossos ritmos circadianos, e devemos fazê-los sempre que necessitamos ou sempre que possível. Vejamos:

- Exposição à luz natural direta ou indireta: Passar tempo ao ar livre durante o dia ajuda a sincronizar o relógio biológico;
- Evitar luz artificial à noite: Especialmente a luz azul de telas;
- Manter horários regulares: Ter uma rotina, e disciplina, para dormir, acordar e comer ajuda a estabilizar os ritmos internos;
- Praticar hábitos saudáveis: Exercícios físicos regulares e uma dieta equilibrada também contribuem para a regulação dos ritmos circadianos.

O alquimista, ao imaginar o tempo e o universo, utiliza e necessita da exatidão das matemáticas para seus propósitos, mas considera que as incertezas permitem um planejamento mais flexível.

Muitos consideram que a grande contribuição de Heráclito às ciências é o princípio da mutabilidade e do não determinismo. A segurança matemática proposta pelos pitagóricos se depara com a mutabilidade incerta proposta por Heráclito. Empédocles avança os conceitos de Heráclito e propõe que a condição necessária para a sobrevivência dos seres vivos consiste no equilíbrio e harmonia dos elementos (água, terra, fogo e ar) num estado de oposição dinâmica de forças cósmicas; o amor e o ódio. Podemos dizer que Empédocles contribuiu muito para as bases da alquimia pois, ao criar a teoria dos quatro elementos fundamentais – água, terra, fogo e ar- influenciou profundamente a filosofia e a ciência ocidental, persistindo até a era moderna.

A adaptação pode ser um caminho do meio, ou no meio do caminho está a adaptação pois, equilíbrio, é uma das capacitações necessárias para a sobrevivência.

OS ESTÁGIOS ALQUÍMICOS E O OPUS MAGNUM

Marco Mammoli



A filosofia Alquímica se baseia na ideia de que tudo no universo é interconectado e possui uma correspondência entre os planos material e espiritual. O famoso axioma hermético “Como acima, assim abaixo; como dentro, assim fora” resume essa visão integral dos multiversos. A Alquimia busca compreender e operar essa correspondência para alcançar a harmonia universal. Os alquimistas consideram o mundo e o universo, como uma manifestação do Uno, ou a unidade primordial, fragmentada em múltiplas formas e expressões. Portanto, a prática alquímica é uma busca pelo retorno à unidade original, simbolizada pelo conceito de Opus Magnum. Conhecido como a Grande Obra, é um dos conceitos centrais da alquimia e simboliza tanto o processo de transmutação material quanto a jornada espiritual do alquimista. Ele descreve um caminho complexo de transformação que reflete a busca pela Pedra Filosofal, que, simbolicamente, representa a perfeição, a purificação e a iluminação.

Embora seja comumente associado à transmutação de metais “não nobres” (como o chumbo) em ouro, o Opus Magnum também tem um significado filosófico e espiritual, sendo interpretado como o processo de elevação e integração do ser humano. Esse processo é frequentemente dividido em quatro fases principais, embora algumas tradições apresentem variações. Essas fases do Opus Magnum estão associadas a processos alquímicos, psicológicos e espirituais. Cada uma tem seus significados e simbolismos, vamos a eles:

É o estágio inicial, caracterizado pela dissolução, putrefação ou decadência. Representa a decomposição do material bruto para eliminar impurezas. É simbolizado pela escuridão, morte ou caos, onde o alquimista confronta a sombra e a desordem. Espiritualmente, representa o confronto com o inconsciente e a análise mais profunda da alma para iniciar os processos de purificação. Psicologicamente, está associado ao reconhecimento e à integração das partes sombrias da psique (Jung relacionou isso ao trabalho com o inconsciente). Seu elemento: Terra. Tanto na perspectiva emocional quanto na alquímica, carrega significados profundos e simbólicos. Vamos explorar algumas dessas dimensões. Ela é associada à sensação de estabilidade, solidez e segurança. Emocionalmente, representa a necessidade de enraizamento, de sentir-se firme e seguro em meio às turbulências da vida. Mas, suas transformações são lentas e constantes. Isso simboliza a paciência e a persistência necessárias para cultivar objetivos de longo prazo e enfrentar desafios com resiliência. Por ser a fonte de toda a vida, fornecendo nutrientes e sustento, ela representa o cuidado, a nutrição emocional e a capacidade de sustentar a si mesmo e aos outros. Nos conecta ao mundo material e à natureza. Emocionalmente, pode evocar um sentimento de gratidão pela vida e pela abundância que o mundo natural oferece. Conectada ao mundo físico e concreto simboliza a capacidade de lidar com a realidade de forma prática e objetiva, sem se perder em devaneios ou ilusões. Na alquimia, a Terra é um dos quatro elementos clássicos (junto com Água, Ar e Fogo). Representa a matéria sólida, a forma física e a concretização. É o elemento que dá forma e estrutura à vida. Está associada ao processo de transformação alquímica, especialmente na fase da “nigredo” (a obra ao negro), onde a matéria é decomposta para ser purificada e reconstruída. Simbolicamente, isso representa a morte do velho e o renascimento do novo. O interessante é que a Terra é o estágio final da Grande Obra alquímica, onde o ouro filosófico (a realização espiritual) é alcançado, quem sabe nos remetendo ao Oroboros (?). Ela representa a materialização do espírito, a união entre o celestial e o terreno. Associada ao corpo físico e à matéria densa simboliza a necessidade de equilibrar o espiritual com o material, reconhecendo a importância do mundo físico na jornada de transformação. Associada à figura da Mãe Terra ou Gaia, representa a fertilidade, a criação e o ciclo de vida, morte e renascimento. Na alquimia, isso se reflete no processo de

transformação contínua e na conexão com os ciclos naturais. Observe que a Terra, tanto emocional quanto alquimicamente, é um símbolo poderoso de estabilidade, transformação e conexão com o mundo material. Ela nos lembra da importância de estarmos enraizados, de cuidarmos de nós mesmos e do mundo ao nosso redor, e de reconhecermos a beleza e a sabedoria presentes nos processos naturais de vida e morte. (SÍMBOLO DA TERRA)

Albedo (Obra Branca) ou Iluminação

Simboliza o final da purificação e o início da clareza. É o renascimento após o caos, onde o material é “lavado” e torna-se puro. Representado pela cor branca e pela luz da lua, simboliza o despertar da consciência. Espiritualmente, reflete a purificação dos desejos mundanos e a busca pela iluminação. Psicologicamente, representa o despertar do inconsciente e a busca por equilíbrio entre os opostos (mente consciente e inconsciente). Seu elemento é a água pois, carrega diversos significados emocionais e simbólicos em diferentes culturas, contextos e interpretações pessoais. É associada à limpeza e purificação, tanto física quanto espiritual simbolizando a renovação, a capacidade de começar de novo ou se livrar de cargas emocionais. Esse simbolismo é tão forte que a água é usada em rituais religiosos representando o renascimento ou purificação espiritual, tanto em cerimônias de batismo, ablações e sepultamentos. Devido a sua natureza fluida e mutável está relacionada às emoções humanas. Sua capacidade de mudar de estado (sólido, líquido, gasoso) simboliza transformações e mudanças, bem como sua capacidade de assumir a forma de qualquer recipiente e de contornar obstáculos. Simboliza resiliência e adaptação, refletindo crescimento e evolução pessoal, além de inspirar uma abordagem fluida e leve para enfrentar os desafios da vida. Sua calma reflete paz e tranquilidade, enquanto suas tempestades simbolizam turbulências emocionais. A água parada, como em um lago ou rio tranquilo, é associada à serenidade, introspecção e paz interior. Ela nos conecta ao momento presente, promovendo relaxamento e meditação. Oceanos e mares profundos evocam mistério, o desconhecido e a vastidão que podem ser traduzidos em nossa própria profundidade interior ou em questões não resolvidas. Por ser essencial para a vida simboliza nutrição, crescimento e fertilidade. Em um nível emocional, pode remeter ao cuidado, à proteção e ao suporte. Como a chuva ao evocar sentimentos de esperança e rejuvenescimento, a água conecta todos os seres vivos por meio de rios, oceanos e ciclos naturais.

Simboliza a interdependência e a unidade, trazendo sentimentos de pertencimento e conexão com o todo. No inconsciente coletivo, a água pode representar o mundo emocional profundo, como sonhos, sentimentos e intuições. (SÍMBOLO DA ÁGUA)

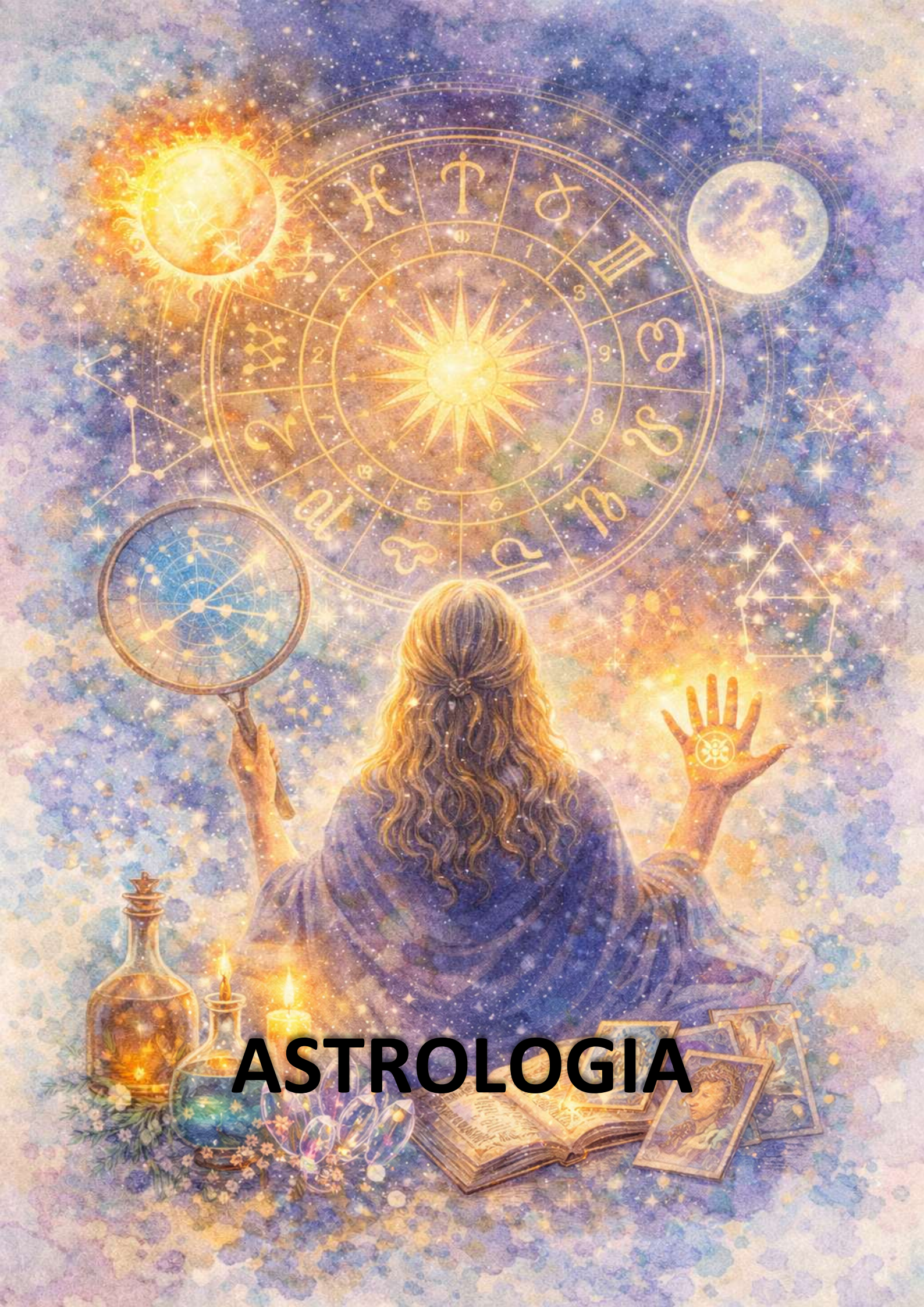
Citrinitas (Obra Amarela) ou Sabedoria

Marca o início da transformação do material purificado em algo mais elevado, trazendo a iluminação e a sabedoria espiritual. É simbolizada pela cor dourada ou amarela, associada ao nascer do sol e à consciência plena. Espiritualmente, representa o florescimento da alma e a unificação com princípios superiores. Psicologicamente, é o momento de amadurecimento, onde o ego se torna mais alinhado com o Self (o núcleo da psique, segundo Jung). Seu elemento: Ar.

O elemento Ar tem significados profundos tanto no campo emocional quanto na Alquimia. Emocionalmente, o Ar está associado ao reino do intelecto, comunicação, ideias e liberdade. Representa a mente e a capacidade de analisar, com racionalidade e lógica, as emoções antes de reagir. Traz flexibilidade e adaptação, ensinando a não se prender excessivamente a emoções pesadas. Estimula, através da curiosidade e criatividade, o pensamento abstrato e a busca por conhecimento. Relacionado com a comunicação e a troca de ideias, quando equilibrado traz clareza mental, inteligência emocional e expressão fluida, mas, quando em excesso, pode levar à frieza, distração, ansiedade e superficialidade. Na Alquimia, o Ar é um dos quatro elementos clássicos e está ligado ao princípio da transmutação e elevação da consciência. Simbolicamente é representado por um triângulo apontando para cima, cortado por uma linha horizontal. Tem por associação planetária Mercúrio (o mensageiro, símbolo do intelecto e da comunicação). Associado ao corpo, relaciona-se ao sopro vital (prana), respiração e pensamento. É o elemento de transformação, que move e acelera os processos alquímicos. Representa o poder da mente para transformar a realidade. Relaciona-se ao Éter e à espiritualidade, sendo um meio de conexão entre os mundos material e sutil. O domínio do Ar na Alquimia é essencial para alcançar o conhecimento e a iluminação, pois ele carrega o poder do pensamento e da comunicação com o divino. O Ar simboliza tanto o intelecto e a comunicação no nível emocional quanto a elevação espiritual e a transformação na Alquimia. Ele ensina que o pensamento e a respiração são ferramentas de evolução e que a liberdade mental é a chave para o crescimento.

É o estágio final, simbolizando a completude, a unificação e a transmutação completa. É o momento em que o chumbo se torna ouro, ou a alma atinge sua perfeição. É representada pela cor vermelha e pelo sol em sua plenitude. Espiritualmente, representa a união com o divino e a realização do propósito maior. Psicologicamente, é o estado de individuação, onde a psique alcança equilíbrio e integração total. Seu elemento: Fogo. É um dos elementos mais intensos, simbolizando paixão, transformação e poder criativo. Pode tanto iluminar e aquecer quanto consumir e destruir. Vamos explorar seus significados emocionais e alquímicos. O Fogo está ligado à energia, vontade e impulso vital. Emocionalmente ele tem inúmeras representações em todas as culturas. Está associado a emoções intensas, como paixão, desejo, amor ardente, raiva e entusiasmo. Representa a iniciativa, a força de vontade e ação, coragem e determinação para alcançar objetivos. Assim como o fogo purifica e molda metais, também queima o velho para dar espaço ao novo, transformando e renovando. Está ligado ao brilho das ideias, à faísca da inovação e ao entusiasmo pela arte e expressão através da criatividade e inspiração. O fogo representa o carisma e a capacidade de guiar outros com energia e convicção. Quando em excesso, pode se manifestar como impulsividade, agressividade, arrogância e destruição. Quando em falta, pode gerar apatia, desmotivação e falta de propósito. Na Alquimia, o Fogo é o agente da transmutação, responsável pela queima das impurezas e pela ascensão espiritual. Representado por um triângulo apontando para cima, indicando a ascensão da matéria para o espírito. Sua associação planetária é com Marte (guerra, ação) e o Sol (força vital, iluminação). E sua associação com o corpo está relacionada ao metabolismo, digestão e energia vital. O Fogo é o principal catalisador alquímico, representando a queima de impurezas e o renascimento (como a Fênix que renasce das cinzas). Simboliza o espírito divino dentro de nós, a chama interior que nos conecta ao propósito e à iluminação. Na prática alquímica, o Fogo representa tanto a destruição do que é impuro quanto a energia necessária para a ascensão espiritual e a criação de algo novo. O Fogo é poderoso e transformador. No nível emocional, ele rege paixão, ação e criatividade. Na Alquimia, é o elemento que purifica e eleva a consciência. Saber canalizá-lo é essencial para evitar a destruição e usar seu poder para evolução pessoal e espiritual. Os conceitos e etapas da Opus Magnun podem ser aplicados a qualquer proposta de vida, observe

que no início, Nigredo, o que temos é a dissolução (ou análise) de substâncias. Após fases sequenciais de mais análises, e a separação do trigo do joio, se chega a uma nova síntese, o Rubedo. Um novo estágio de compreensão.



ASTROLOGIA

QUE TAL ENTENDER O QUE É UM HORÓSCOPO, OU MAPA ASTROLÓGICO?

Hamed Aawar



Segundo consta em dicionários, Horóscopo ou Mapa Astrológico, nada mais é do que um “diagrama das posições relativas dos planetas e dos signos zodiacais num momento específico (como o do nascimento de uma pessoa), utilizado pelos astrólogos com a intenção de inferir o caráter e os traços de personalidade e prever os acontecimentos da vida de alguém”.

Vamos experimentar detalhar, um pouco mais, o que vem a ser esse tal de Horóscopo, ou Mapa Astrológico. Adiantamos que isso não tem nada, ou quase nada, a ver com os horóscopos publicados diariamente nos diversos meios de comunicação, sejam esses jornais, revistas, internet, ou lá o que for.

Primeiro, para criar-se um Mapa Astrológico são necessários dados exatos relacionados à data de nascimento, da pessoa consulente ou do evento a ser analisado, localidade – cidade e país – e hora exata (que deve ser descontado o horário de verão, quando ocorrer) do acontecimento da criação.

O Mapa Astrológico baseia-se no princípio Geocêntrico, onde a Terra é o centro das atenções, aliado às interferências das energias planetárias (e aqui se incluem e assim são chamados também planetas o Sol e a Lua) direcionadas ao ponto exato onde houve o nascimento ou a criação do evento, e na hora considerada.

Quando se pergunta a cidade, a informação é transformada em coordenadas geográficas da localidade e essas é que serão utilizadas nos cálculos para criação do Mapa Astrológico.

A importância da hora exata está em função dos movimentos planetários, alguns mais rápidos, como a Lua e Mercúrio, por exemplo, ou dos mais lentos, como Júpiter. Desse modo, alguns minutos a mais, ou a menos, podem refletir em um Mapa Astrológico capenga e que não oferecerá as informações precisas que se procura pesquisar ou demonstrar.

Em cada momento distinto os planetas se encontram em diferentes localizações na esfera celeste e, por consequência, formam ângulos diversos, tanto entre si quanto em relação ao ponto geográfico na superfície terrestre em que houve o acontecimento em análise. E, em se tratando de Física, esses ângulos (ou aspectos) emanam diferentes energias com intensidades diversas que vão influenciar na configuração do Mapa Astrológico.

Portanto, não há que se prender, e levar com toda consideração, as previsões fornecidas, diariamente, semanalmente, mensalmente, ou até anualmente, em veículos de comunicação, vez que para uma previsão correta e mais precisa há necessidade da hora e local exatos do acontecimento a ser analisado.

Imagine-se: se precisamos das informações detalhadas de hora e local do evento, como aceitarmos, senão de maneira muito genérica, as informações que poderiam abranger todo um hemisfério terrestre e até as 24 horas de um dia? Fica a informação para reflexão.

Um Mapa Astrológico é constituído de doze casas, contadas no sentido anti-horário, e doze signos, contados no sentido horário. Este sentido horário está associado ao movimento dos planetas na abóboda celeste (o Céu). Os planetas e signos nascem, ou ascendem, à esquerda da linha horizontal que corta o Mapa Astrológico – a Linha do Horizonte. Isso equivale a dizer que acompanham o nascer do dia. Assim como o Sol e a Lua, os signos ascendem (ou nascem) ao Leste.

Quando se fala em planeta ou Signo Ascendente, pode-se entender que estão em posição próxima à hora do nascer do dia naquela localidade.

Além das doze casas (contadas no sentido anti-horário) e dos doze signos, contados no sentido contrário, para uma boa análise de um Mapa Astrológico há que considerar os planetas, sua localização, tanto nos signos quanto nas casas em que se encontram, além dos ângulos que existem entre os planetas (também chamados aspectos). Aí, sim, com essas informações em mãos o astrólogo poderá oferecer uma análise mais apurada ao consulente.

DO HORÓSCOPO DE ALMANAQUE AO ZODÍACO E MAPA ASTROLÓGICO

Hamed Aawar



Iniciamos este texto, de antemão, apenas com a lembrança aos leitores desavisados que, como dizia o Mago Geraldo Seabra, esses “horóscopos” diários, publicados em jornais e revistas, são muito genéricos – “horóscopos de almanaque”. Isso porque, ao se montar um Mapa Astrológico, são necessárias informações fundamentais que incluem a hora exata de nascimento e a cidade onde nasceu o consulente.

Imaginem os caros leitores, a seguinte situação: se um Mapa Astrológico é baseado na hora e local exato em que o indivíduo nasceu, como atribuir condições e previsões aos signos, de um modo geral, para um mês (ou mesmo um dia) inteiro e, no nosso caso, abrangendo todo o hemisfério sul, quando precisamos ter a hora e o local exatos do nascimento do consulente?

A bem da verdade, no máximo, se poderia propor uma previsão genérica, para um determinado dia, em relação a uma determinada localidade, Brasília, por exemplo, em que, aí, sim, se poderia interpretar, repito, com aproximação, as tendências para cada signo solar (os signos normalmente conhecidos) naquele dia. Por essas e outras, que o Mago Seabra se limitava a escrever, no Correio Braziliense, e apresentava, na TV Brasília, em Brasília – DF, sua coluna diária em que intitulava “Seu dia hoje”. Daí, ocorrerem situações em que com fulano “bate”; com cicrano, nada!

Os dados que informam a data e local onde nasceu o sujeito a ter seu Mapa Astrológico analisado, transformados em informações matemáticas, indicam, em coordenadas geográficas, o ponto exato na superfície da Terra onde nasceu o consulente, e a hora do

acontecimento, que também deve ser o mais próximo possível da exatidão. Essas indicações possibilitam se calcular as posições relativas dos astros e suas influências energéticas por toda a vida da pessoa cujo Mapa Astrológico está em análise.

A Física Quântica pode explicar essa influência. Imaginem que, se a Lua tem influência direta nas marés, por que não admitirmos as influências que as energias dos planetas próximos têm sobre a Terra e seus habitantes? O acompanhamento diário pode se dar pelos “trânsitos” e “progressões” planetárias, ou seja, as tendências de ocorrências em nossas vidas no dia-a-dia. Em todos os seus aspectos – sociais, profissionais, saúde e financeiros.

Já conversamos sobre o que é a Astrologia e o que são os chamados “Horóscopos de Almanaque” e agora vamos demonstrar as relações entre o Zodíaco e o Mapa Astrológico para aqueles que se interessam e buscam o conhecimento astrológico.

O Zodíaco, de acordo com a Astronomia – ciência natural que estuda os astros e corpos celestes – é uma zona da esfera celeste, que se prolonga a 8,5° de uma a outra parte da eclíptica (plano da órbita da Terra – o grande círculo no plano que contém os centros da Terra e do Sol e que corta a esfera celestial), e na qual se movem o Sol, a Lua e todos os outros planetas do Sistema Solar.

A Astrologia divide a mesma zona da esfera cósmica em doze partes, cada uma com 30° de longitude, conhecidas por “signos do Zodíaco” e que constituem a base do Mapa Astrológico.

E já há mais de 2 mil anos os signos levam o nome das doze constelações que estão na linha do Zodíaco: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes, e cada um possui suas características próprias.

Esses signos são também conhecidos por “Signo Solar”, por indicar em qual constelação o Sol localiza-se no momento do nascimento da pessoa ou criação de um determinado evento.

O signo que passa pela linha do horizonte (a linha que divide o Mapa nos hemisférios Norte e Sul), à esquerda do Mapa Astrológico, é conhecido como “Signo Ascendente”. Isso porque, no momento em que nascia a pessoa, ou se criava determinado evento, é o signo que despontava na linha do horizonte (ou nascia), na localidade e na hora em que nascia a pessoa ou ocorria o evento. Tanto o signo solar, quanto o signo ascendente são de elevada importância na interpretação de um Mapa Astrológico.

A Astrologia também divide esse mesmo círculo em 12 casas (contadas da esquerda para a direita, a partir da primeira abaixo da linha do horizonte), cada uma com seus significados próprios e que serão descritas oportunamente.

AFINAL, PARA QUE SERVE MESMO A ASTROLOGIA?

Hamed Aawar



Quando se vai a uma primeira consulta médica, há a preocupação de se realizar uma anamnese, instrumento que o médico utiliza para avaliação de sintomas, problemas de saúde e preocupações do paciente.

Em se tratando de Astrologia, é utilizado o Mapa Astrológico, importante ferramenta que possibilita ao astrólogo conhecer, em detalhes, o que se apresenta para a vida do consulente.

Essa análise perpassa por todas as doze Casas do Mapa Astrológico; os Signos e os Planetas (em Astrologia, todos os astros são considerados planetas) nelas contidos; e os aspectos, ou ângulos que cada planeta forma entre si.

Ao analisar o Mapa Astrológico, na 1ª Casa, já se pode inferir características pessoais daquele ou aquela que está sob a análise do astrólogo.

Olhando para a 2ª Casa, há que se perceber as tendências relacionadas a ganhos e valores, sejam estes materiais ou imateriais.

Desse modo, o astrólogo, ao analisar Casa por Casa, todos os planetas e aspectos envolvidos, terá todo o conhecimento a respeito da vida do consulente.

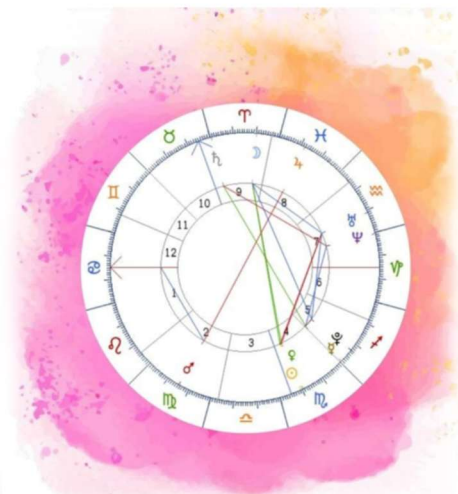
Completada a análise do Mapa Astrológico, conselhos, sugestões, ou indicações de caminhos que a pessoa interessada poderá seguir, estarão disponíveis, com grande parcela de exatidão.

Por fim, a Revolução Solar, também chamada Retorno Solar, um novo Mapa Astrológico que se soma ao Mapa Natal, mas com validade de, apenas, um ano – entre dois aniversários consecutivos.

Em última análise, a Astrologia, por intermédio do Mapa Astrológico, pode ser entendida como uma espécie de “teste vocacional”, onde são observados, não apenas os aspectos direcionados à profissão, mas, também, indicações sobre relações amorosas e com a sociedade, saúde e ganhos entre tantos outros.

DESVENDANDO OS MISTÉRIOS DAS CASAS ASTROLÓGICAS

Hamed Aawar



Um Mapa Astrológico é constituído de 12 casas, dispostas no sentido anti-horário e iniciando à esquerda da Carta Astrológica. Cada casa carrega um significado próprio e, a depender dos signos e planetas nela contidos e os respectivos aspectos, a análise pode ser favorável, ou não.

A interpretação completa de um Mapa Astrológico se dá, justamente, pela observação de todas as doze Casas e, em especial, com as nuances contidas em cada uma delas.

Veremos, adiante, um resumo de cada uma dessas Casas.

A 1ª Casa

A Primeira Casa no Mapa Astrológico está diretamente ligada ao signo Ascendente, o que surge no horizonte momento do nascimento ou criação de determinado evento. Representa o planeta Marte e o signo de Áries.

É aqui que nos posicionamos sobre tudo em nossa vida, nossa personalidade, como encaramos os desafios que se nos apresentam e como somos vistos, de modo geral, pela sociedade.

No gráfico indicado acima, temos um Ascendente em Virgem, o que confere uma certa seriedade ao indivíduo, crítico, porém com a capacidade de servir às necessidades de alguém quando é solicitado. Apesar disso, desfruta da diplomacia de Libra que completa esse ambiente.

Não bastasse o lado diplomático, a presença de Lilith provê sensualidade.

A 2ª Casa

A 2ª Casa em um Mapa Astrológico, domicílio de Touro, signo regido pelo planeta Vênus, é relacionada, geralmente, aos ganhos materiais e valores. No entanto, interpreto de um modo mais

abrangente, relacionando-a a todos os tipos de valores, tanto materiais – ganhos, bens, contas bancárias – quanto os bens imateriais, tais como valores éticos ou amor a determinados símbolos, por exemplo.

No gráfico, o indivíduo tem os planetas Saturno e Netuno, além dos signos de Libra e Escorpião. Isso nos indica dificuldades para ganhos; tem que suar para receber, pela posição de Saturno. Não bastasse a dificuldade de ganhos, não lida muito bem com finanças, pela presença de Netuno. É comum, com essa configuração netuniana, se o sujeito tem uma “bolada, uma boa quantia a receber”, quando a recebe já tem uma significativa dívida pendente, deixando os ganhos para o credor.

Por Libra, é de se esperar ganhos através das artes e, em função de Escorpião, riscos de perdas repentinas e ganhos ligados à geologia e temas de ocultismo, entre outras opções.

A 3ª Casa

A 3ª Casa, bastante complexa pela quantidade de temas que representa, é domínio do signo de Gêmeos, regido pelo planeta Mercúrio, e está relacionada às comunicações, intelecto, pequenas viagens e pequenos animais, vizinhos e parentes próximos (entendido esses como irmãos, tios, primos). Aqui se percebe se a mente do consulente é tensa, brilhante, ou preguiçosa; se as comunicações e as pequenas viagens são favorecidas, assim como as relações com os vizinhos, pequenos animais e parentes próximos. Ainda, a depender da presença de Saturno e seus aspectos, pode significar uma mente bastante racional, ou com tendências à depressão psíquica.

No Mapa Astrológico do exemplo, temos os signos de Escorpião e Sagitário. Por Escorpião, é de se esperar uma mente tensa, com língua “afiada” capaz de vencer quaisquer disputas verbais. Ainda, por esse signo, é de se esperar dificuldades, mesmo que passageiras, envolvendo vizinhos e parentes próximos. O mesmo raciocínio se aplica em relação às pequenas viagens e pequenos animais.

Já por Sagitário, é de se esperar uma mente privilegiada e, antepondo-se a Escorpião, sucessos em relação a vizinhos, parentes próximos e pequenos animais, e facilidades na comunicação.

A 4ª Casa

A 4ª Casa, regida pela Lua, está relacionada justamente à casa onde residimos, desde quando nascemos, até o fim dos nossos dias. A cada mudança de residência (mudança de moradia), sempre estará relacionada à 4ª Casa. Representa o ambiente onde crescemos e nos desenvolvemos; onde convivemos com nosso companheiro ou

companheira; a vivência e relacionamentos no ambiente doméstico, junto aos pais e irmãos. A análise desta Casa nos indica se o ambiente é sóbrio, ou mais extrovertido; se há possibilidades de ser mais requintado, intelectual, ou ligado à Natureza; se são espaços amplos, ou mais restritos; se são embelezados, ou mais sombrios. Enfim, define, com muita clareza, em que situação Você vive em seu próprio lar, com suas celebrações.

No gráfico do Mapa Astrológico, temos, nessa Casa, os signos de Sagitário e Capricórnio.

Em linguagem simples, por Sagitário, é de se esperar uma casa onde os ambientes são amplos, com um certo grau de sobriedade e ligações com a Natureza. Em contrapartida, por Capricórnio, espera-se um ambiente mais austero.

A 5ª Casa

A 5ª Casa, regida pelo belo Sol, está relacionada aos prazeres e diversões, de um modo geral; aos esportes e relações com filhos. É aqui que se percebe o tipo, ou os tipos de diversão com que o nativo melhor se identifica e, a depender do signo, planeta, ou aspectos incidentes nesta Casa, ou em parte dela, podem ser restritos ou com tendências ao exagero. Aqui, também, se pode inferir como a pessoa lida com os filhos, ou se há dificuldades para tê-los. No Mapa do exemplo, a Lua se encontra em Capricórnio, além de sofrer maus aspectos com Saturno, Urano e Netuno, de onde se conclui que existem, de certa forma, dificuldades para se divertir.

A 6ª Casa

A 6ª Casa, a Casa de Virgem, é regida por Mercúrio (Regente de Gêmeos e Virgem) e está relacionada aos pequenos problemas de saúde; ao dia-a-dia no trabalho, o cotidiano e às pessoas que são nossas colaboradoras, tais como o eletricitista, o encanador ou pedreiro; empregados de um modo geral. No Mapa do exemplo, temos o Sol e Mercúrio em Aquário, e um restinho da Casa com Peixes.

Em relação aos pequenos problemas de saúde, por Aquário, o destaque é de se esperar problemas relacionados aos ossos (esqueleto); pelo Sol, algo relacionado ao coração, como hipertensão arterial; e, por Mercúrio, qualquer probleminha ligado à mente, como insônia.

Falando do dia-a-dia no trabalho, em função da presença do Sol em Aquário, o nativo tem chances de cargos de chefia na vida profissional; ter boas relações com os colaboradores; usar tecnologia e não gostar de horário rígido, com hora certa para entrar e sair (o conhecido “marcar ou bater ponto”). Por Mercúrio, espera-se trabalhar

com comunicação. Completando, o final com Peixes reforça a necessidade de autonomia com seus horários, além da possibilidade de lidar com artes.

A 7ª Casa

A 7ª Casa, a Casa de Libra, é regida pelo Planeta Vênus, e se relaciona às sociedades e parcerias, de modo geral. Porém, em nossa sociedade, é considerada como a “maior” parceria, o casamento, e, daí, ser chamada “Casa do casamento” e, de forma jocosa, “Casa do inimigo declarado”. É na 7ª Casa que vemos como estão as sociedades ou parcerias, seja em um pequeno ou grande negócio, seja no casamento propriamente dito. No Mapa que utilizamos, temos em foco a presença do Signo de Peixes, seguido por Marte, em posição privilegiada, no signo de Áries.

Em relação ao Signo de Peixes, podemos afirmar que o nativo tem atração por pessoas ligadas às artes, que gostem de um drinque, ou, até, os alienados; se brincar, “maluquinhos da Silva”!!! Mas, também, quem tem essa configuração pode idolatrar o parceiro ou parceira ao ponto de se permitir escravizar para atender os anseios de quem lhe é companhia.

Com Marte fortemente assentado no Signo de Áries, haverá atração por pessoas vigorosas, cheias de energia, mas que, justamente devido a essa energia de Marte em Áries, há risco de haver atritos a tal ponto de chegar ao rompimento da sociedade ou casamento.

A 8ª Casa

A 8ª Casa, a Casa de Escorpião, é regida por Plutão e se relaciona à morte, psiquismo e à sexualidade. Também nesta Casa, estudamos os temas ocultos e os considerados tabus. É na 8ª Casa que vemos como são as relações na intimidade; como se encara a morte, bem como os temas ocultos, tais como a própria Astrologia, por exemplo. No Mapa que observamos, temos Vênus no Signo de Áries, seguido pelo Signo de Touro.

Observando-se Vênus no Signo de Áries, se pode inferir que o nativo tem a capacidade de preparar o “ninho” de Amor de modo a agradar e deixar bem à vontade quem lhe acompanha. E, como está em Áries, pode, até, dar uma canseira nessa companhia. O Signo de Touro, também regido por Vênus, confere sensualidade ao ambiente íntimo.

Os temas ocultos e tabus são encarados com naturalidade.

A 9ª Casa

A 9ª Casa, residência de Sagitário, é regida por Júpiter, o grande benéfico, o paizão, e se relaciona à Filosofia, altos estudos (superiores)

e grandes viagens. É nessa Casa que vemos como são as relações com Deus (acredita, não acredita, é religioso?); quais são as tendências ou possibilidades de estudos superiores, bem como das grandes viagens. No Mapa em foco, temos Júpiter no Signo de Touro, seguido pelo Signo de Gêmeos.

Observando-se Júpiter no Signo de Touro, se pode inferir que o nativo tem boas chances de se desenvolver nos estudos superiores, podendo trilhar carreiras ligadas à Terra, Advocacia, Turismo, Gastronomia, entre outros. Também, por Júpiter, é de se esperar uma pessoa que acredita em Deus. E, ainda, boas chances de sucesso nas grandes viagens. A presença de Gêmeos pode levar o Nativo a estudar comunicação e carreiras associadas ao comércio, bem como “conversar” com o Deus em que acredita.

A 10ª Casa

A 10ª Casa, a Casa de Capricórnio, é regida por Saturno e se relaciona ao êxito em tudo o que se pretende realizar, seja no trabalho, em sua residência, um negócio, ou qualquer empreitada que se deseja desenvolver. No Mapa que abordamos estão presentes os Signos de Gêmeos e Câncer.

A presença de Gêmeos nos fornece indicações sobre possibilidades de se trabalhar com os meios de comunicação, bem como atividades relacionadas ao mercado e comércio de modo geral.

Olhando para o Signo de Câncer, é de se esperar, também, trabalhos que envolvam a emoção, além de atividades que visam o atendimento de necessidades das pessoas, tais como assistência social, atendimento ao público em uma instituição e várias alternativas com foco no servir às pessoas.

A 11ª Casa

A 11ª Casa, sob a regência de Aquário, se relaciona às instituições, sejam bancos, clubes, grupos que defendem uma causa comum e à sociedade de modo abrangente. No Mapa que abordamos estão presentes o Planeta Urano e os Signos de Câncer e Leão.

Com a presença de Câncer, dando continuidade ao que comentamos na 10ª Casa, se pode esperar contatos com pessoas ou instituições com foco nas necessidades das pessoas, tais como assistência social, atendimento ao público em uma instituição, além de várias alternativas que tenham por objetivo servir às pessoas.

O Planeta Urano dá indicações de contatos com pessoas e entidades altruístas que visam trabalhos voluntários, entre outros assemelhados.

Já a presença de Leão, ao final do período, nos dá indicações de maior popularidade, com reconhecimento da sociedade.

A 12ª Casa

A 12ª Casa, a Casa de Peixes, se relaciona aos grandes problemas de saúde, entendidos, aqui, aqueles que exijam tratamentos mais delicados e, até, hospitalização. Nesta Casa também são observados os bastidores e situações de isolamento. Como bastidores, temos o trabalho que está por trás de balcões, a exemplo de um bibliotecário ou auxiliar na produção de um evento qualquer. O isolamento pode ser representado por um afastamento, um recolhimento social, ou um trabalho solitário, realizado por um médico legista que atua meio que isolado em um IML e, ainda, nos dias atuais, o trabalho na modalidade “home-office”.

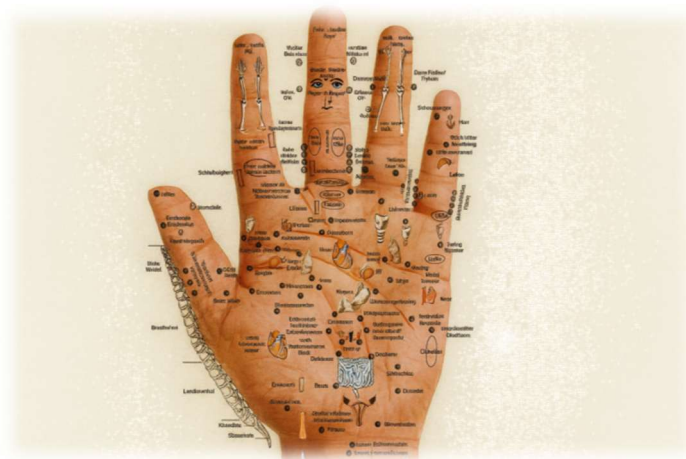
No Mapa do exemplo temos o Signo de Leão, seguido de Virgem; a presença da Roda da Fortuna e o Planeta Plutão.

Pelo Signo de Leão e a Roda da Fortuna, é de se esperar proteção em quaisquer eventos relacionados a esta Casa: se o ente está hospitalizado, deve receber tratamento satisfatório; se está em trabalhos de isolamento, podemos esperar maiores ganhos. Virgem indica a possibilidade de isolamento junto à Natureza com satisfação, visto que tem a companhia de Leão e da Roda da Fortuna.

O Planeta Plutão, neste ambiente, indica riscos de acidentes que possam levar a situações de hospitalização. Porém, como visto, sob a proteção de Leão e da Roda da Fortuna.

QUIROMANCIA, ASTROLOGIA E COMO SERÁ O AMANHÃ

Giovanni Seabra



É do conhecimento de todos os efeitos do Sol e da Lua na saúde e comportamento das pessoas, assim como esses corpos celestes determinam a conduta das marés e da vida, tal qual a conhecemos. As influências planetárias são evidentes nas características físicas e no desempenho dos indivíduos, de acordo com o mapa astral de cada um. Uma pessoa lunática é aquela cuja personalidade oscila intensamente, refletindo as fases da Lua: ora serena e acolhedora, ora instável e imprevisível. Vive sob forte influência emocional, reagindo de forma sensível aos ciclos e às circunstâncias externas. Seu temperamento é marcado por sonhos, devaneios e uma imaginação fértil, que a aproxima do mundo onírico. Muitas vezes é vista como enigmática, intuitiva e inspirada. Contudo, pode também ser percebida como volúvel, instável e distante da realidade concreta.

O conhecimento ancestral esotérico registra que as características planetárias, em seus aspectos positivos e negativos, estão registradas na palma da mão, especialmente nos dedos e nos montes distribuídos na superfície palmar. As energias planetárias são armazenadas nos montes e emanadas através dos dedos, sendo os toques dactílos e as massagens instrumentos de cura.

De modo geral, a Quiromancia permite ao indivíduo obter informações sobre a vida passada, presente e futura, assim como conhecer antecipadamente eventos importantes ao longo da sua existência. As influências planetárias são manifestadas no caráter, na natureza das emoções, no potencial de êxito na vida, nas realizações e desenvolvimento espiritual, a susceptibilidade às doenças, e obstáculos de ordem física, emocional ou material.

O autoconhecimento fundamentado na Quiromancia, conecta o indivíduo com a sua essência profunda, permitindo-o resgatar o

manancial de força e sabedoria interior, indispensáveis à superação dos períodos de dificuldades e/ou contrariedades que surgem na vida.

Desde a mais remota antiguidade as evidências astrológicas gravadas nas palmas das mãos eram conhecidas. Aristóteles mencionou a Quiromancia na obra *De Partibus Animalium* (As partes dos Animais), descrevendo a forma, a cor e a constituição das mãos; e mencionando que “as linhas compridas indicam longos anos, ao passo que as linhas curtas apontam vida breve”. A palma da mão era dividida em áreas, que correspondiam aos dedos e montes, e relacionavam-se aos sete planetas então conhecidos, incluindo-se o Sol e a Lua. Vale salientar que a astrologia tradicional considera o Sol (estrela) e a Lua (satélite) como planetas.

Em nível físico, psíquico e emocional a palma da mão é compartimentada em três zonas longitudinais. A Zona Ativa consciente corresponde ao setor abaixo do Dedo de Júpiter (indicador) e o polegar, representando a energia que conscientemente liberamos no contato com o mundo material. Diz respeito à afirmação do EU na vida cotidiana. A zona correspondente aos dedos do Sol (anular) e Mercúrio (mínimo), remete ao Subconsciente Passivo do indivíduo. É o campo da criatividade, consciência emocional e da capacidade instintiva. A faixa central traçada a partir do Dedo de Saturno (médio) é a Zona de Equilíbrio entre as duas zonas anteriores. Nessa região está gravada a Linha do Destino, também conhecida como Linha de Saturno, que registra as possibilidades para obter sucesso na vida. Ou não.

Além da Linha do Destino, entre as linhas principais destacam-se a Linha da Vida, que contorna o Monte de Vênus; a Linha da Cabeça, traçada horizontalmente no côncavo da mão; e a Linha do Coração, com trajetória horizontal logo abaixo dos montes de Júpiter, Saturno, Sol e Mercúrio.

Na leitura e análise quirológica são consideradas as duas mãos. A mão esquerda contém registros das características herdadas, ou seja; a mão do destino, com o qual já nascemos. A mão direita, por sua vez, indica o modo como iremos utilizar as qualidades que herdamos ao nascer. As mãos das pessoas canhotas devem ser lidas ao inverso.

Na elaboração dos mapas das mão são observados o tamanho, a consistência e as formações dos montes, assim como forma e comprimento dos dedos para compreensão da importância de cada planeta na formação do Ser e como o indivíduo se comporta na estrada da vida. A leitura e análise da mão envolvem ainda a forma, o tamanho, a textura, a flexibilidade, a consistência, a cor da pele, a temperatura, os

montes, as linhas, os dedos e as unhas. Atenção especial deve ser dada ao comprimento, profundidade e definição das linhas principais.

Vale conferir!



SAGRADO FEMININO

O SAGRADO FEMININO SOB A LUZ DIVINA

Bahirah Abdalla



O Sagrado Feminino é uma das expressões espirituais mais antigas da humanidade, presente em diferentes culturas e tradições que, de formas variadas, veneram a mulher como guardiã da vida, mediadora entre o humano e o divino e expressão dos ciclos da natureza. Essa representação espiritual emerge como uma força manifestada pela potência criadora, acolhedora e transformadora vinculada ao princípio feminino e a energia universal.

Embora tais culturas tenham sido, ao longo do tempo, transformadas ou suprimidas pela ascensão do patriarcado, resquícios de seu imaginário permanecem vivos nas mitologias nórdicas, celtas e hindus. Esse arquétipo se manifesta em divindades, mitos, práticas rituais e saberes ancestrais, constituindo uma tradição que dialoga tanto com a religiosidade antiga quanto com expressões contemporâneas de espiritualidade.

O Sagrado Feminino encontra raízes em civilizações ancestrais que adoravam deusas-mãe, como símbolos da fertilidade, da Terra e da vida. Em muitas sociedades arcaicas, sobretudo de base agrícola, os grupos sociais eram centralizados no poder feminino, configurando verdadeiras cosmologias matriarcais. Os povos nórdicos cultuavam a deusa Freyja, ligada ao amor, à fertilidade e à magia, exemplo notável da sacralidade feminina ancestral. Na Turquia, foram encontradas figuras femininas ligadas à fecundidade, apontando para cultos devocionais à Grande Mãe. Na Grécia, cultuava-se Deméter e Perséfone; no Egito, Ísis; e em culturas mesopotâmicas, Inanna e Ishtar. Na

tradição hindu, a noção de Shakti, a energia cósmica feminina, é central para a compreensão da espiritualidade. O hinduísmo concebe o universo como resultado da interação entre o princípio masculino (Purusha) e o princípio feminino (Prakriti ou Shakti). Diferente de muitas tradições patriarcais, no hinduísmo védico e tântrico o poder último é feminino, pois sem Shakti o divino masculino permanece inerte.

Os rituais pagãos vinculados ao Sagrado Feminino celebravam o ritmo da natureza e o ciclo lunar. A lua, por sua mutabilidade, foi identificada como manifestação da deusa nas suas fases nova, crescente, minguante e cheia, correspondendo à mulher donzela, mãe e anciã. Em outras palavras, é o reflexo dos processos cósmicos de nascimento, plenitude e declínio. Festivais sazonais dos povos celtas, reverenciavam o feminino como força vital, garantindo a continuidade da vida, a fertilidade dos campos e a conexão com o mundo espiritual.

A Wicca, religião neopagã criada em meados do século XX por Gerald Gardner, resgata essas tradições ao posicionar a Deusa no centro de seus rituais. Ela é cultuada ao lado do Deus Cornífero, simbolizando a união dos princípios masculino e feminino. Entretanto, a Deusa assume um papel central, sendo identificada com a Terra, a Lua e o poder gerador da vida. Os wiccanos reconhecem o corpo da mulher como sagrado e a sexualidade como expressão da divindade, em oposição às tradições religiosas que historicamente reprimiram tais dimensões.

O Sagrado Feminino, na Wicca, manifesta-se através de círculos rituais, danças, cânticos e invocações. Nos rituais da Wicca o corpo feminino é valorizado nas danças circulares, onde evoluem coreografias diversas e criativas, com temperos de sensualidade junto às chamas que aquecem a egrégora. A sacerdotisa, frequentemente, ocupa posição central, refletindo a herança matriarcal e a valorização da energia feminina. Os rituais wiccanos e pagãos, portanto, resgatam práticas ancestrais que reconhecem a sacralidade da vida e da mulher como guardiã dos mistérios. O cálice, símbolo feminino, representa o útero e a força geradora, em diálogo com o athame (punhal ritualístico, símbolo masculino), evocando a união dos princípios opostos.

Quanto à ancestralidade, é preciso reconhecer que o Sagrado Feminino foi historicamente silenciado pelo patriarcado, sobretudo após a ascensão do cristianismo e de instituições religiosas que marginalizaram as antigas práticas pagãs. A demonização das bruxas na Idade Média é reflexo desse processo. Mulheres iniciadas, que dominavam o conhecimento sobre ervas e elixires para cura e espiritualidade, foram perseguidas e trucidadas por representarem o

poder feminino livre e autônomo. Entretanto, o Poder Feminino ganha força e vigor nos tempos atuais, com milhões de participantes em todo o mundo.

Sob a Luz Divina, o Sagrado Feminino não é apenas um culto à deusa ou às mulheres, mas a expressão de uma energia cósmica que envolve criação, intuição, acolhimento e transformação. É um princípio universal que, presente desde as primeiras culturas, renasce no contexto moderno como caminho espiritual, terapêutico e político, devolvendo ao feminino sua dignidade e força originária.

JOANA D' DARC SÍMBOLO DE CORAGEM, FÉ E MUITA RESISTÊNCIA

Bahirah Abdala



Entre os campos verdes da Lorena e o fogo das batalhas, nasceu a lenda de Joana d’Arc, a jovem camponesa que mudou o destino da França. Nascida em 1412, na pequena aldeia de Domrémy, Joana era filha de agricultores simples, mas carregava em si uma fé inabalável e um senso de missão que a fariam atravessar os limites da história e da espiritualidade.

À época a França estava sob o domínio parcial da monarquia inglesa, com o território dividido por disputas dinásticas e devastado pela guerra. Aos treze anos, Joana começou a relatar visões místicas de figuras celestes — São Miguel Arcanjo, Santa Catarina de Alexandria e Santa Margarida — que lhe ordenavam ajudar o delfim Carlos VII a recuperar o trono francês.

As visões não eram simples fenômenos devocionais, mas constituíam um chamado iniciático, típico das experiências místicas medievais, em que o sagrado se manifesta para instaurar uma nova ordem espiritual. Joana, a “Pucelle” (donzela), torna-se a mediadora entre o divino e o político — o arquétipo da virgem guerreira, símbolo de pureza e força espiritual.

Aos dezessete anos, deixou o lar e apresentou-se às tropas reais como salvadora do Reino de França, convencendo os comandantes com sua firmeza e profecias inspiradas.

Sob o lema “Melhor morrer obedecendo a Deus do que viver desobedecendo-Lhe.”, Joana d’Arc, vestindo armadura de cavaleiro e portando um ostensivo estandarte cristão, sagrou-se vitoriosa em diversas batalhas à frente dos exércitos franceses. Com uma armadura

reluzente e o estandarte branco marcado com o nome de Jesus e Maria, liderou os exércitos franceses em vitórias decisivas, especialmente na batalha de Orléans (1429), ponto de virada da guerra. Sua presença inflamava os soldados e simbolizava o renascimento da fé e do patriotismo. A coragem da “Donzela de Orléans” tornou-se um fenômeno nacional, um milagre vivido entre sangue e esperança.

Contudo, a glória foi breve.

Capturada por dissidentes franceses aliados dos ingleses, Joana foi entregue à Inquisição sob acusação de heresia, feitiçaria e travestismo, por usar roupas masculinas em batalha. Após um julgamento manipulado politicamente, foi condenada e queimada viva em Rouen, na Normandia, em 30 de maio de 1431, aos dezenove anos.

Mas o fogo que consumiu Joana d’Arc não destruiu o mito do Sagrado Feminino. Vinte e cinco anos depois, o Papa Calisto III reabilitou o processo inquisitorial, declarando-a inocente. Em 1920 foi canonizada pela Igreja Católica, tornando-se Santa Joana d’Arc, padroeira da França e símbolo universal de fé, coragem e resistência.

Hoje, sua imagem transcende a história. Joana d’Arc é o arquétipo da mulher guerreira e mística, que une o sagrado ao profano, o humano ao divino. No imaginário popular, tornou-se uma espécie de “Anjo da Espada Flamejante”, expressão do arquétipo do Arcanjo Miguel na Terra. Sua trajetória continua a inspirar artistas, escritores e líderes espirituais. De mártir a santa, de soldado a símbolo, Joana d’Arc representa a chama indomável da alma humana, quando guiada pela convicção de que o impossível pode ser alcançado.

Mais que heroína nacional, Joana d’Arc é um símbolo universal da transcendência feminina e da união entre fé, poder, determinação e ação. Sua vida demonstra como a experiência do sagrado pode mover a história, e como o martírio se converte em signo de eternidade. Entre a espada e o fogo, Joana d’Arc ergueu a França e inscreveu seu nome no firmamento dos santos e dos mitos.

OS MISTÉRIOS DE LILITH À LUZ DA MAGIA

Bahirah Abdalla



Lilith, figura enigmática que circula com desenvoltura nas tradições religiosas, mitológicas e esotéricas, revela-se como um dos arquétipos mais poderosos e complexos do feminino. Associada à face oculta da Lua, Lilith simboliza o Sagrado Feminino, traduzido na independência, empoderamento, autoafirmação, rebeldia, sexualidade livre, insubmissão e autonomia espiritual. Se a Lua Cheia é plenitude e manifestação, Lilith é associada à Lua Nova, ao vazio e ao mistério. Essa polaridade ecoa o princípio hermético da dualidade: luz e sombra, presença e ausência, ordem e caos, “solve et coagula”.

Astronomicamente, a Lua Negra corresponde ao segundo foco da órbita elíptica da Lua em torno da Terra. É um ponto matemático invisível, mas que, na astrologia, é associado às energias ocultas. A ligação com a Lua reforça sua natureza cíclica: enquanto a Lua visível simboliza o feminino acolhedor e nutridor, Lilith é a Lua oculta, associada aos instintos, independência e mistérios do inconsciente.

Do ponto de vista astrológico, Lilith correspondente ao apogeu lunar, tornando-se um campo fértil para interpretações simbólicas. Lilith, representada pela lua com uma estrela no centro, surge como um ponto de sombra no mapa natal, revelando os aspectos relacionados à sexualidade, ao poder e à liberdade. Na leitura de mapas natais, Lilith marca áreas de sombra, de intensidade sexual e desafios ligados ao poder feminino. A título de exemplo, se Lilith se encontra na 1ª Casa, a pessoa se sente bem consigo mesma, lhe conferindo um forte magnetismo pessoal e refletindo sensualidade contagiante. E, quanto mais próxima ao Ascendente, tanto mais sensual. No mundo

contemporâneo, Lilith é associada à mulher liberal, atraente, sedutora e sexualmente livre.

Na mitologia e na astrologia Lilith é uma entidade feminina que desafia o patriarcado ao manifestar a sua natureza selvagem. É o “espírito da loba” incorporado, exaltado, destemido e dominador.

As primeiras menções a Lilith encontram-se no folclore judaico-babilônico, onde aparece como demônio noturno (lilītu), associado ao deserto e às tempestades. No Talmude e no Alfabeto de Ben Sira (século X), Lilith surge como a primeira esposa de Adão, criada do mesmo barro, mas que se recusa a submeter-se a ele. Ao abandonar o Éden, torna-se símbolo de insubmissão, ligando-se posteriormente ao imaginário de bruxas, feiticeiras e sacerdotisas. Na Cabala, Lilith é vista como a contraparte sombria de Eva, associada ao erotismo transgressor e ao poder desestabilizador. Contudo, atualmente Lilith é reinterpretada como símbolo de emancipação feminina, representando a recusa em aceitar papéis sociais restritivos, discriminados e excludentes.

Já nas tradições místicas e mágicas, Lilith é evocada como força noturna, ligada tanto à sombra quanto ao poder regenerador, necessário à evolução. Ou seja, corresponde às trevas que antecedem a Luz. No esoterismo contemporâneo, Lilith é invocada como arquétipo da Grande Deusa em sua face noturna, regente da sexualidade sagrada, da magia lunar e da transgressão libertadora. Entretanto, sua energia é perigosa se manipulada de forma imatura, mas profundamente transformadora quando processada com responsabilidade e consciência.

Os rituais dedicados a Lilith variam entre práticas astrológicas, mágicas e iniciáticas, sendo realizados, em geral, sob a Lua Nova, momento em que o céu revela a ausência do luminar. As cerimônias são realizadas para libertação de padrões opressores, reintegração de aspectos sombrios da personalidade, reforço da autonomia e do poder criativo, magia sexual e alquimia interior, e tantos outros mais.

O altar deve ser simples, coberto por tecido negro ou vermelho, acompanhado dos símbolos associados: a serpente (sabedoria e transgressão), a coruja (noite e visão oculta), o espelho (autoconhecimento). Fazem parte dos rituais as ervas (arruda, artemísia, mandrágora); velas pretas (oculto e transformação) e vermelhas (paixão e energia vital); incensos à base de mirra, patchouli e benjoim.

Para a Consagração do ambiente fechado ou aberto, traça-se o círculo mágico, invocando os Quatro Elementos da Natureza: Terra, Água, Fogo e Ar. Na invocação são entoados cânticos ou recitações que chamem Lilith como “Senhora da Noite e da Lua Oculta”. Durante a meditação, o (a) Iniciado (a) contempla o espelho, buscando reconhecer seus desejos reprimidos ou aspectos ocultos da psique; como oferenda são servidos vinho tinto e pão, símbolos do sangue e da carne, que são depositados no altar. No encerramento da cerimônia são manifestados os agradecimentos à Deusa Lilith, desfazendo-se o círculo e deixando as velas queimarem até o fim.

Portanto, compreender Lilith à luz da Lua é reconhecer que não se trata apenas de um conceito astronômico, mas de uma complexa construção simbólica que atravessa mitos, astrologia e tradições místicas. Ela nos convida a olhar para além da superfície luminosa e a contemplar o vazio, a ausência e o mistério como elementos fundamentais da experiência humana.

Assim é!

A VASSOURA DA BRUXA NA TRAVESSIA DOS SÉCULOS

Bahirah Abdalla



A vassoura, objeto aparentemente simples e cotidiano, atravessa os séculos carregando consigo um profundo simbolismo místico e cultural. Conhecida popularmente como “vassoura da bruxa”, ela é mais do que um instrumento de limpeza: tornou-se um ícone do imaginário coletivo sobre a feitiçaria e, em especial, sobre o papel das mulheres no universo mágico. A origem histórica do vínculo entre vassouras e bruxas remonta à Idade Média, quando práticas populares de limpeza espiritual e agrícola eram associadas à magia. Documentos históricos apontam que, em rituais de fertilidade, camponesas e curandeiras usavam vassouras para “varrer” campos e quintais, simbolizando a expulsão de más energias e a preparação da terra para uma nova colheita.

Esse aspecto de ancestralidade confere à vassoura uma função liminar: ela marca o espaço entre o sagrado e o profano, entre o que deve permanecer e o que deve ser afastado. Em tradições esotéricas, acredita-se que a vassoura possui a capacidade de purificar ambientes, limpando não apenas a sujeira física, mas também as energias negativas acumuladas. Por isso, em muitas culturas, recomenda-se varrer a casa do fundo para a porta, direcionando a energia indesejada para fora.

O significado esotérico da vassoura vai além da limpeza. O cabo, geralmente de madeira, representa o princípio masculino, enquanto as cerdas, de palha ou ervas, simbolizam o feminino, formando um objeto de união de polaridades, um verdadeiro talismã de equilíbrio. Essa dualidade a transformou em um dos instrumentos rituais mais

importantes para praticantes de bruxaria, sobretudo dentro da tradição wicca. Entre os wiccanos, a vassoura é utilizada para delimitar círculos mágicos, purificar locais de celebrações e proteger o lar de influências externas indesejadas.

O mito da bruxa voando em sua vassoura é um dos mais conhecidos do folclore europeu. Pesquisadores afirmam que a lenda pode ter nascido de práticas xamânicas, em que unguentos feitos com plantas de propriedades psicotrópicas eram aplicados em objetos como a vassoura, que então servia como veículo simbólico para “viajar” entre mundos espirituais. A imagem se cristalizou na cultura popular medieval, reforçada pelos julgamentos da Inquisição, que associaram a vassoura à suposta habilidade das bruxas de cruzar os céus durante o sabá.

Na contemporaneidade, especialmente com a valorização da Wicca a partir do século XX, a vassoura ressurge como um instrumento de poder espiritual. Não mais apenas símbolo de superstição ou perseguição, mas de sabedoria ancestral, de reconexão com a natureza e de proteção energética. Hoje, ela é vista como uma ferramenta ritual que auxilia na harmonização de ambientes, no fortalecimento da prática mágica e na preservação da memória das antigas tradições.

Outro aspecto que vem ganhando força na atualidade é o da sensualidade e do empoderamento das bruxas modernas. Em oposição à imagem caricatural da bruxa velha, feia e com uma verruga no nariz, popularizada pela literatura e pelo cinema, as feiticeiras atuais ressignificam sua identidade como mulheres fortes, sensuais e donas de seu próprio poder. Muitas dedicam-se à preparação de talismãs e poções do amor, associando a magia a rituais de autoconfiança e magnetismo pessoal. Nesse contexto, a vassoura não é apenas um símbolo de voo ou de limpeza, mas também um arquétipo do feminino que se reinventa, unindo mistério, beleza e força criativa.

Assim, a “vassoura da bruxa” atravessa os tempos mantendo viva a sua aura mística. Da limpeza material à espiritual, da perseguição à valorização, continua a ser um dos mais fortes símbolos da bruxaria, guardando consigo a essência de um legado ancestral que une mito, magia, sensualidade e sabedoria popular.



Esoterismo cristão

O ENÍGMA ESOTÉRICO DO MAGO JESUS CRISTO

Hussein Sabra el-Awar



Entre as figuras mais enigmáticas da história humana, Jesus Cristo ocupa um lugar singular não apenas na fé cristã, mas também nos estudos do esoterismo ocidental. Diversos pesquisadores do hermetismo, da teurgia e da tradição gnóstica o reconhecem como o Mago Divino, o iniciado supremo dos mistérios do Verbo. Na tradição esotérica, Jesus não foi apenas um pregador ou profeta, mas o operador sagrado que manifestou no plano físico as leis invisíveis do Espírito.

O termo esoterismo cristão designa a leitura simbólica e interior dos Evangelhos, centrada na ideia de que os milagres de Cristo são atos teúrgicos, ou seja, intervenções espirituais que expressam a união entre o humano e o divino. Essa visão remonta às antigas escolas místicas alexandrinas e às tradições gnósticas dos primeiros séculos do cristianismo.

O conceito de mago é derivado do persa *magus* e do grego *magoi*, referindo-se originalmente aos sábios-sacerdotes da antiga Pérsia, intérpretes dos astros e das forças cósmicas. A magia, no sentido hermético, é muito mais do que um conjunto de truques ou encantamentos, pois trata-se da ciência sagrada da vontade — a arte de dirigir as energias espirituais para manifestar a harmonia divina no mundo. A prática da magia requer o conhecimento e domínio das leis que regem o Universo. Assim, Jesus é compreendido, pelos esoteristas, como o mago perfeito, aquele cuja vontade é idêntica à vontade de Deus (“Eu e o Pai somos um” – João 10:30).

Sob essa luz, os milagres de Jesus são interpretados como operações mágicas teúrgicas, ou seja, ações conscientes sobre as forças

sutis da natureza em conformidade com o Amor divino. Quando transforma a água em vinho em Caná da Galileia (João 2:1-11), Jesus realiza uma autêntica transmutação alquímica, símbolo da passagem do estado inferior da matéria ao superior do espírito. Ao multiplicar os pães e peixes (Mateus 14:13-21), manifesta a lei da abundância universal — princípio da criação infinita que flui do Verbo.

A cura dos cegos e leprosos (Lucas 18:35-43; Marcos 1:40-45) exemplifica o poder da palavra e da fé como instrumentos mágicos de restauração do corpo e da alma. O domínio sobre as águas e os ventos (Mateus 8:23-27) revela o domínio dos quatro elementos, e a ressurreição de Lázaro (João 11:1-44) é símbolo supremo da vitória do Espírito sobre a morte, o ponto culminante da Magia Divina — a reintegração do homem à eternidade.

No plano simbólico, o Cristo mago é o mestre que ensina o poder da consciência desperta. Caminhar sobre as águas (Mateus 14:25) é dominar as paixões e manter a serenidade diante do caos. Curar com as mãos é canalizar a energia vital universal, o pneuma divino. Ressuscitar é despertar a centelha divina adormecida em cada ser humano.

Nos Evangelhos apócrifos, como o de Tomé e o de Filipe, Cristo é descrito como o revelador dos “mistérios do Reino”, portador de um ensinamento iniciático reservado àqueles “que têm ouvidos para ouvir”. Na perspectiva hermética, Jesus representa o Sol espiritual, o Logos que irradia luz e ordem ao cosmos. A Cruz, em sua dimensão esotérica, é o símbolo da união dos quatro elementos — fogo, água, ar e terra — e da ascensão da alma pela vertical da luz.

O esoterismo cristão contemporâneo, herdeiro das escolas gnósticas, rosacruzes e teosóficas, compreende o Evangelho como um manual de iniciação interior. Os “milagres” são, nesse sentido, metáforas de processos internos de purificação, transmutação e iluminação. Cristo, então, não é apenas um ser histórico, mas o Mestre interno que habita em todo homem e mulher que desperta para o amor, a sabedoria e o poder do Espírito.

O Mago Jesus Cristo, portanto, é aquele que realiza o milagre supremo: transformar o ser humano comum em um instrumento da Divindade, recordando a máxima hermética que ecoa também em suas palavras — “Em verdade vos digo: aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço, e as fará maiores ainda” (João 14:12).

A ARCA DE NOÉ E AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Hussein Sabra el-Awar



A narrativa de Noé e do Dilúvio, presente no livro do Gênesis, constitui um dos mitos mais intrigantes da tradição judaico-cristã abordando o pecado dos homens e o castigo divino. Segundo o relato bíblico, “Viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra” (Gn 6:5) e, por isso, decidiu purificá-la por meio das águas. E assim juntou as águas do Céu e da Terra submergindo todas as terras planetárias e a humanidade pecadora. O dilúvio bíblico configura-se como princípio alquímico “solve et coagula”, simbolizando a destruição e, simultaneamente, a renovação. Noé, o iluminado, recebeu a missão de construir uma arca que abrigasse sua família e representantes das espécies animais (Gn 6:19-20).

O dilúvio assume forte dimensão simbólica, pois as águas representam tanto a ira divina quanto a possibilidade de um novo começo. O arco-íris, surgido após o recuo das águas, é apresentado como sinal da aliança entre Deus e a humanidade: “Porei o meu arco nas nuvens, e será por sinal da aliança entre mim e a terra” (Gn 9:13).

Assim como nos tempos de Noé, a humanidade atual enfrenta ameaças de destruição como consequência de suas próprias ações sobre a Terra. O aquecimento global, a intensificação dos fenômenos climáticos extremos, o degelo das calotas polares e o aumento do nível dos mares são indicadores de um “dilúvio moderno”, desencadeado pela degradação ambiental e pelo uso desmedido dos recursos naturais.

Sem dúvida alguma, o aquecimento global é um dos maiores desafios contemporâneos, sobretudo em razão do derretimento das calotas polares e geleiras, que resulta no aumento do nível dos oceanos. O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, 2023)

projetou que o nível do mar poderá subir entre 0,5 a 1 metro até o final do século, impactando diretamente áreas costeiras densamente povoadas. Ao que parece, a catástrofe climática já foi iniciada, o que pode ser constatado pelas elevadas temperaturas na Europa e Américas, com os termômetros alcançando facilmente a marca dos 45 graus. As elevadas temperaturas atmosféricas são seguidas de tempestades e inundações, inclusive em cidades de clima desértico, como Dubai.

Quanto à elevação dos níveis oceânicos, entre as principais cidades ameaçadas, destacam-se Jacarta, Bangkok, Xangai, Mumbai, Veneza, Amsterdã, Londres, Nova York e Miami, Buenos Aires, Rio de Janeiro, Recife, São Luiz, João Pessoa e Porto Alegre, que concentram milhões de habitantes em zonas litorâneas e já apresentam sinais de submersão. Na África as ameaças de inundação pairam sobre Alexandria (Egito) e Lagos (Nigéria).

Se o dilúvio bíblico durou quarenta dias e quarenta noites (Gn 7:12), o atual processo de transformação climática já se estende por décadas, marcado pelo incremento das emissões de gases de efeito estufa, resultante da poluição e o desmatamento em níveis alarmantes. Nesse sentido, pode-se afirmar que o pecado contemporâneo é a ganância humana e a irresponsabilidade ambiental, ambos ameaçando a continuidade da vida no planeta. Como adverte o Papa Francisco em sua encíclica *Laudato Si'* (2015), “o desafio urgente de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral” (LS, n. 13). Até aí tudo bem. Só falta combinar com os governantes e empresários nacionais e multinacionais.

A arca, por sua vez, pode ser interpretada como metáfora da responsabilidade coletiva de construir refúgios éticos, sociais e tecnológicos que possibilitem a preservação da vida diante da crise climática. Não se trata apenas de uma embarcação literal, mas de todas as formas de cooperação global, políticas públicas, acordos internacionais e práticas sustentáveis que funcionem como instrumentos de salvação da humanidade. A solução encontrada, entretanto, é para poucos. Aliás muito poucos, que corresponde a segmentos das elites mundiais que criam refúgios subterrâneos, os bunkers, fortalezas construídas para proteger os “eleitos” das hecatombes anunciadas. Será?

Assim, o mito de Noé permanece vivo, não apenas como memória religiosa, mas como arquétipo universal. Ele nos recorda que a destruição pode ser evitada se houver consciência, justiça e respeito à

vida. Se no passado o Senhor anunciou: “Não tornarei mais a amaldiçoar a terra por causa do homem” (Gn 8:21), hoje a responsabilidade da preservação recai sobre a humanidade.

Na leitura contemporânea do dilúvio, portanto, o mito deixa de ser apenas lembrança de um castigo divino e converte-se em alerta profético: se não agirmos, o “dilúvio” das mudanças climáticas poderá nos surpreender. Cabe a nós erguer uma nova arca — não de madeira, mas de solidariedade entre os povos e compromisso com as futuras gerações.

Qual a sua opinião sobre o que há e o que virá?

A TORRE DE BABEL E AS TORRES GÊMEAS

Hussein Sabra el-Awar



O episódio da Torre de Babel, narrado no livro de Gênesis (Gn 11:1-9), constitui um dos relatos mais simbólicos da tradição bíblica. Reza a lenda que, após o Dilúvio, a humanidade habitava uma mesma região onde falavam uma única língua. Em assembleia decidiram edificar uma torre cujo cume alcançasse os céus, tornando-os célebres e evitando sua dispersão pela Terra. No entanto, a construção foi interrompida por força da intervenção divina, que confundiu suas línguas, dispersando-os e frustrando o projeto megalomaniaco.

O texto bíblico revela a ambição e a soberba humanas, como motivação para alcançar o Divino por meio de uma obra monumental. Assim, a torre simboliza a tentativa do homem de substituir a centralidade de Deus pelo poder da própria humanidade, um ato de ganância espiritual e material. Essa atitude remete ao pecado original de Adão e Eva, onde a desobediência e o desejo de poder conduzem à queda, à ruína, ao colapso.

A Torre de Babel foi erguida na planície de Sinar, região da Babilônia, simbolizando a ligação entre céu e terra, mas, na bíblia, o gesto assume caráter negativo, pois revela o orgulho humano em detrimento da submissão a Deus.

No campo teológico, a Torre de Babel torna-se um arquétipo da confusão espiritual e social. A multiplicidade das línguas representa a fragmentação da humanidade, contraposta à unidade inicial da criação. Agostinho, em *A Cidade de Deus*, interpreta Babel como símbolo da “cidade terrena”, em oposição à “cidade de Deus”, marcada pela humildade e pela obediência à vontade divina.

Quando trazemos essa reflexão para o mundo contemporâneo, a Torre de Babel encontra paralelo nos arranha-céus modernos. Desde o século XX, cidades como Nova York, Dubai, Hong Kong e São Paulo exibem edifícios monumentais que se erguem em direção ao céu como símbolos de poder econômico, tecnológico e cultural. Tais construções, embora notáveis do ponto de vista da engenharia, também carregam a marca da competitividade e da ganância humanas, ecoando a mesma busca por grandeza e imortalidade presente em Babel.

O Burj Khalifa, em Dubai, com 828 metros de altura, é hoje o edifício mais alto do mundo, tornando-se ícone dessa corrida vertical que ultrapassa fronteiras. Assim como em Babel, a lógica subjacente é a de afirmar a supremacia de uma nação ou grupo diante do mundo, erguendo construções que desafiam os limites humanos e naturais. Nesse sentido, a arquitetura moderna se torna não apenas expressão de progresso, mas também de orgulho coletivo.

Portanto, a Torre de Babel permanece como um símbolo atemporal. Do relato bíblico à modernidade, ela nos lembra da tênue linha entre o progresso humano e a ganância desmedida, entre a busca pela grandeza e a necessidade de humildade diante do transcendente.

O filme *Inferno na Torre*, além de se inscrever na tradição do cinema-catástrofe, pode ser lido como uma metáfora contemporânea sobre a soberba humana diante das forças da natureza e das próprias criações tecnológicas. A película profética, produzida em 1974 e dirigida por John Guillermin, apresenta como cenário um arranha-céu, símbolo máximo da modernidade, do progresso econômico e do poder arquitetônico. A megaestrutura de engenharia remete diretamente à imagem bíblica da Torre de Babel (Gn 11:1-9), erguida pelo desejo de alcançar o céu e desafiar os limites divinos.

Assim como em Babel, o prédio incendiado no filme representa a concentração da ambição humana em um único espaço. A corrida pelo luxo, pela ostentação e pela conquista de alturas recordes torna-se o pano de fundo para a tragédia. Quando as chamas se espalham, revelam-se não apenas as fragilidades estruturais, mas também as vulnerabilidades éticas e humanas: egoísmo, desespero, segredos ocultos e conflitos de interesse. Mas também abre espaço para gestos de empatia e fraternidade.

Do ponto de vista simbólico, o incêndio funciona como um ato de purificação, uma espécie de juízo que expõe a vulnerabilidade do homem moderno diante da própria soberba. A destruição da torre não é

apenas arquitetônica, mas também moral: o colapso material reflete a falência de valores.

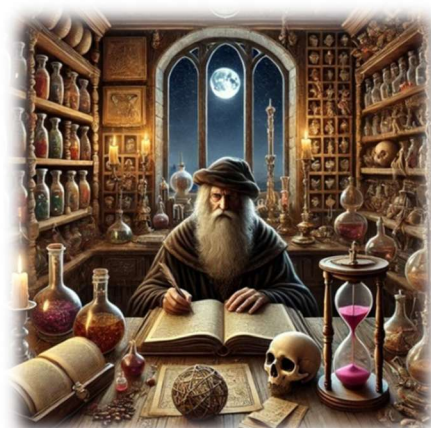
Em termos sociais, *Inferno na Torre* critica o modelo urbano das grandes metrópoles, onde arranha-céus se erguem como templos do capital, afastando-se das necessidades humanas básicas. Ao mesmo tempo, denuncia a confiança excessiva na tecnologia e nas promessas de segurança, que se revelam frágeis quando confrontadas com forças imprevisíveis.

Assim, o filme se conecta ao arquétipo da Torre de Babel: tanto na Bíblia quanto na tela, o homem tenta se elevar, mas é confrontado com sua própria limitação. A lição central não é a negação do progresso, mas a lembrança de que humildade, ética e coletividade são indispensáveis para que a grandeza humana não se transforme em ruína.

Na sua opinião o episódio das “Torres Gêmeas” serve para ilustrar o tema em pauta?

NOSTRADAMUS: E O MUNDO NÃO SE ACABOU. SERÁ?

Hussein Sabra el-Awar



Nostradamus! Um nome poderoso que vem aterrorizando a humanidade durante séculos. O famoso profeta francês Michel de Nostredame, o grandioso profeta Nostradamus (1503 - 1566), teve uma vida curta, quando comparado ao alcance de suas previsões catastróficas, confirmadas ao longo de 500 anos, e que ainda estão por acontecer. Astrólogo, boticário, médico, ocultista e vidente renomado, Nostradamus publicou as suas predições no livro de quadras *Les Prophéties* (“As Professias”, publicado em 1555). A obra contém uma coleção de 942 quadras poéticas prevendo eventos futuros.

No elenco de predições de Nostradamus, são conhecidos o grande terremoto em Los Angeles, conhecido como o “Sismo de Northridge”. De magnitude 6,7, o sinistro tectônico devastou a região da Grande Los Angeles, Califórnia, Estados Unidos no dia 17 de Janeiro de 1994. A região é cortada pela grande falha de Santo André, uma ruptura entre duas placas continentais que causa tremores geológicos e eventuais terremotos. Felizmente as vítimas humanas foram em pequeno número, 57 óbitos e mais de 8.700 feridos, quando comparado às proporções devastadoras do sismo que provocaram um prejuízo total de 20 bilhões de dólares. A dúvida é se o terremoto de 1994 foi o mencionado por Nostradamus, ou outro, de grande magnitude, ainda está por acontecer.

Nostradamus previu o grande incêndio de Londres, em 1666, um desastre de grandes proporções que destruiu a cidade medieval de Londres, localizada dentro da antiga muralha romana, estendendo-se também para além muros. Tudo começou por um singelo incêndio na casa do padeiro, alastrando-se rapidamente e transformando em imensa fogueira as casas e sobrados de pedra, madeira e palha. O episódio ficaria

conhecido como o Grande Incêndio de Londres, que destruiu 13.200 casas, deixando 100 mil desabrigados. E por falar em chamas, o profeta também previu o ataque aéreo ao World Trade Center, em Nova York, em 2001, quando pereceram 2.753 pessoas.

Nostradamus pressagiu a morte do rei Henry II da França, em 1559, ferido acidentalmente por um golpe de lança, desferido pelo capitão de sua guarda escocesa, durante o torneio a cavalo celebrando a paz com o fim das Guerras Italianas.

Com riqueza de detalhes, a Revolução Francesa deflagrada em 1789, é mencionada nas centúrias; assim como a ascensão de Napoleão Bonaparte ao poder e o posterior exílio do imperador na ilha de Santa Helena. O atentado em Dallas, Texas (EUA), em 1963, que culminou com a morte do presidente americano John F. Kennedy, é mais um episódio antecipado por Nostradamus. Todavia, uma profecia segue em aberto. Nostradamus antecipou a aparição de um grande líder responsável pela mudança do curso da história da civilização humana.

Na Quadra 34 da Centúria VI, Nostradamus alerta para o bombardeio de mísseis na Faixa de Gaza, profetizado quase 500 anos antes:

“A máquina do fogo voador virá perturbar o grande chefe sitiado. Dentro haverá, tão grande sedição que aqueles abandonados entrarão em desespero.”

A análise estatística desenvolvida por pesquisadores da Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres, da Universidade de Yale, estimou em 64.260 o número de mortes causadas pela campanha aérea e terrestre de Israel em Gaza apenas nos primeiros nove meses da guerra, entre outubro de 2023 e o final de junho de 2024. Estamos em fevereiro de 2025, e os ataques de Israel sobre os escombros físicos e humanos prosseguem, mesmo após os recentes acordos de paz. Entre os mortos de Gaza 59,1% eram mulheres, crianças e pessoas com mais de 65 anos. Considerando-se que o número de feridos ultrapassa 100 mil pessoas, e que outros tantos permanecem soterrados sob os edifícios bombardeados, o número de óbitos seria muito superior ao relatado.

Presume-se que a Guerra em Gaza é o estopim da III Guerra Mundial, prevista nas quadras de Nostradamus, juntamente com o desastre nuclear de grandes proporções. Segundo as quadras do grande visionário, esses eventos catastróficos estão associados às mudanças climáticas, causando secas e chuvas torrenciais em todo o Planeta.

Ao que parece é o começo do fim do mundo previsto nas centúrias, felizmente sem data especificada pelo Mago Nostradamus.

Por outro lado, há uma centelha de esperança, pois consta nas quadras proféticas o aumento da conscientização espiritual e a da busca por significado da vida aqui na Terra como no Céu. Nostradamus previu uma renovação e transformação do mundo, que ocorreria após um longo período de crise e mudanças.

Quem viver, verá.

Referências

- ABRAHAM, R. *A dictionary of alchemical imagery*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- ANONYMOUS (TOMBERG, V.). *Meditations on the Tarot: a journey into Christian Hermeticism*. [S.l.: s.n.], [s.d.]. ISBN 1-58542-161-8.
- APEL, W. *Gregorian chant*. Bloomington: Indiana University Press, 1990. ISBN 0253-206014.
- ARTHEPHIUS. *Livro secreto da arte oculta*. Tradução e notas de Michael Sendivogius. São Paulo: Madras, 2003.
- ATKINSON, W. W. *O Caibalion: estudo da filosofia hermética do Antigo Egito e da Grécia*. São Paulo: Pensamento, 2018. ISBN 978-8531519994.
- AZEVEDO, M. N. *A essência da alquimia*. São Paulo: Pensamento, 1992.
- BERTHELOT, M. *Collection des anciens alchimistes grecs*. Montreal: Legare Street Press, 2022. ISBN 978-1015502932.
- BOHME, J. *A aurora nascente*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- BELFOND, P. *Les clavicules de Salomon*. Sciences secretes. Paris. 1968
- CASE, P. F. *Hermetic alchemy: science and practice*. [S.l.]: Ordem Rosicruciana da Aurora Dourada, 1931. Disponível em: <https://ia801401.us.archive.org/6/items/PaulFosterCase-HermeticAlchemySciencePractice-1931/PaulFosterCase-HermeticAlchemySciencePractice-1931.pdf>. Acesso em: [data de acesso].
- CHURTON, T. *The golden builders: alchemists, Rosicrucians, first freemasons*. New York: Weiser Books, 2004. ISBN 1578-63329X.

- ECO, U. *A busca da linguagem perfeita*. Bauru: EDUSC, 2002. ISBN 978-8574601090.
- ELIADE, M. *Le mythe de l'éternel retour*. Paris: Gallimard, 1951.
- EVOLA, J. *A tradição hermética*. Paris: Mediterranee, 1971.
- FULCANELLI. *As moradas dos filósofos*. São Paulo: Madras, 2008.
- FULCANELLI. *O mistério das catedrais*. Tradução de António Carvalho. Lisboa. Editora Esfinge, 1964.
- GREER, J. M. *The new encyclopedia of the occult*. St. Paul: Llewellyn Publications, 1995.
- HILEY, D. *Western plainchant: a handbook*. Oxford: Clarendon Press, 1993.
- JOSEPH, P. *The 432 Hz debate: sound healing and musical tuning*. [S.l.]: SoundHealing.org, 2020.
- JUNG, C. G. *Psicologia e alquimia*. Tradução: Maria Luiza Appy et al. Petrópolis: Vozes. (Obras completas de C.G. Jung; v. XII). 1990
- KIECKHEFER, R. *Magic in the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- KLOSSOWSKI de Rola, S. *The secret art of alchemy*. London: Thames & Hudson, 1986.
- LEWIS, M. R. *Símbolos antigos e sagrados*. Biblioteca Rosacruz, vol XXIII, Rio de Janeiro, Editora Renes 1979
- LIBER USUALIS. Solesmes: Isha Books. ISBN 978-9333192057.2013
- LINDLEY, M. *Pitch standards and the history of musical intonation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- MALLON, B. *Os símbolos místicos*. São Paulo: Larousse, 2009.

- MCCLELLAN, R. *The healing forces of music: history, theory and practice*. Lincoln: iUniverse, 2000. ISBN 0595-00665.
- MCKINNON, J. *The advent project: the later seventh-century creation of the Roman Mass Proper*. Berkeley: University of California Press, 2000.
- MEIER, B. *Gregorian chant and the Roman liturgy*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- MICKAHARIC, D. *A magia de todos os tempos*. São Paulo. Editora Nova Cultural. 1983
- PAPUS. *A Cabala: tradição secreta do Ocidente*. São Paulo: Pensamento, 2022. ISBN 978-8531521775.
- PAPUS. *Tratado elementar de ciências ocultas*. São Paulo. Editora Pensamento 2021
- PAPUS. *Tratado elementar de magia prática*. São Paulo. Editora Pensamento 2021
- RICHARD, M.C. *Alquimia lunar: a influência dos ciclos da lua na transformação pessoal*. São Paulo: Editora Pensamento, 2013.
- ROOB, ALEXANDER. *Alquimia e misticismo*. Taschen, 2006
- SHELLEY, MARY. *Frankenstein*. Barueri. SP Novo Século editora 2024
- SCHURÉ, ÉDOUARD. *Os grandes iniciados*. São Paulo. Martin Claret Editores. 1986
- STOKER, BRAM. *Drácula*. Cotia. SP Editora Pandorga. 2022
- TRIMEGISTUS, HERMES. *Tabula Smaragdina*. In: JUNGIUS, Joachim. *Corpus Hermeticum*. Ed. Hemus. 1983

TRIMEGISTUS, HERMES.; *Corpus Hermeticum Græcum*: Prefácio, Introdução, Tradução e Glossário Grego-português de David Pessoa de Lira; Ed. Pensamento-Cultrix 2024 ISBN-13 978-6557362600

TRIMEGISTUS, HERMES. *Corpus hermeticum-discursos de iniciação*. São Paulo. Hemus Editora. 1983